

FACULDADE PAULISTA DE SERVIÇO SOCIAL DE SÃO CAETANO DO SUL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

UMA NOVA ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL:
CATEGORIA DE BASE DO FUTEBOL

Hugo Leonardo L. Gomes 2950

Regiane Cristina Ferreira 2876

Silvana Gomes S. Trevisan 2833

Novembro de 2000

FACULDADE PAULISTA DE SERVIÇO SOCIAL DE SÃO CAETANO DO SUL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

UMA NOVA ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL:
CATEGORIA DE BASE DO FUTEBOL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ELABORADO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
ASSISTENTE SOCIAL, NO CURSO DE GRADUAÇÃO
EM SERVIÇO SOCIAL, SEGUNDO A EXIGÊNCIA
LEI N.º 1889 DE 13 DE JUNHO DE 1953.

Dedicatória

Quero dedicar este trabalho a uma pessoa muito especial na minha vida, que soube ler minha alma de águia, e percebeu que a liberdade de voar e enxergar além, tem sido e será um dos grandes princípios da minha vida.

Um grande amor nunca se esquece, uma prova de amor e dedicação jamais, obrigado por tudo que fizeste, principalmente nesses quatro anos que foram conturbados, por ter perdido pessoas tão amadas, que foram para o além e deixaram muitas saudades, mas que o tempo e o teu ombro tão amigo vem me ajudando a superar.

Obrigado por ser o meu melhor amigo, marido, amante e o melhor pai do mundo, que na minha ausência ajudou muito na boa formação dos nossos filhos que tanto amamos, que não vieram nas nossas vidas por um acaso. Cada vez mais percebo o porque incomodamos tanta gente.

Ao meu marido e companheiro Luciano que soube se despir da soberania masculina e provou que me amar é a condição na qual a minha liberdade e felicidade é essencial à sua própria .

Aos meus filhos, Luciano e Luana, por terem sido companheiros de verdade, e que na minha ausência colocaram em prática tudo que ensinei, sem fazer das suas certidões de nascimento documentos de minha propriedade, pois quando os coloquei no mundo, dei a luz para que pudessem crescer, brilhar, terem identidade própria, saberem direcionar seus caminhos livres e quando encontrarem dificuldades na trajetória possam olhar para trás e saberem que lá estarei sempre apoiando-os, verão que estão na frente de tudo na minha vida.

Cresçam em paz e que Deus os proteja !

Silvana

Agradecimentos

A todos da minha família, meu pai, minha sogra, irmãs e irmãos, sobrinhos e sobrinhas, cunhadas e cunhados, amigos, afilhados, que compreenderam minha ausência em horas tão importantes e que a partir de agora estarei à disposição e voltarei a ser também a “Assistente Social” da família, porém com uma bagagem de informação e intervenção científica. Viram como valeu a pena esperar? A minha ajuda agora não é mais empírica.

À amiga Edna que abriu a primeira porta para essa pesquisa através de Marcos Fraga, e este apresentou-me ao Sr. Marçal (técnico de Juniores) que muito tem me apoiado e a todos os meu amigos de trabalho e pesquisa do Clube Atlético Juventus e da Euroexport, que vem ajudando—nos a colocar na prática esse TCC, valorizando a importância de ter na equipe uma Assistente Social, para qualificar ainda mais o trabalho desenvolvido com as categorias de base do futebol.

Meu agradecimento especial vai para a família Duarte(Euroexport) e todos da comissão técnica e os atletas das categorias: Infantil, Juvenil e Juniores/2000, que muito contribuíram nesta grande experiência.

Agradeço em especial a duas grandes amigas: Miriam Aranda, Assistente Social, formada nesta conceituada faculdade que muito contribuiu nesta descoberta profissional, incentivando-me nas horas mais decisivas desde o início da caminhada e que terá muito orgulho de me chamar de companheira. E a Regiane, minha grande companheira de faculdade e amiga, que despertou a idéia deste Tema, e que devido nossa identificação de pensamento soubemos unir nossas idéias e conseguimos concluir esse trabalho que para nós representa muito nesses quatro anos de dedicação e compromisso com a futura profissão e respeito aos nossos mestres que tanto nos ajudaram a crescer. Rê iremos caminhar sempre juntas.

Aos meus amigos e companheiros da Prefeitura de Mauá: Rose, Cris, Fran, Raquel, Nailson e Chicão, pelo apoio a minha formação profissional.

À orientadora, Inmaculada Figols Costa, que contribuiu na qualidade do nosso trabalho, que nos dará o prazer de caminhar juntas nesta proposta profissional e em outras que surgirem nas nossas caminhadas. Muito Obrigada Mestre.

Silvana

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram a crescer profissionalmente e socialmente, e ofereço uma parcela especial para minha esposa Renata Aparecida Nascimento Gomes.

Hugo

Dedicatória

Dedico a:

- *meus pais, Heitor e Neusa;*
- *meus irmãos Regirene e Rogério;*
- *minha cunhada Gláucia e*
- *aos meus sobrinhos Lucas e Fábio, minha família, minha referência.*
- *meu noivo, Luciano, meu amigo e companheiro.*
- *Uma pessoa incrível e especial que desde o início acreditou em uma proposta maluca, mas que está dando resultados, minha amiga e companheira, Silvana.*

E sobretudo a Deus que me concedeu a oportunidade de cursar o nível superior e por conhecer esta forma em lutar pela emancipação humana, pois acredito no ser humano.

Obrigada!

Regiane

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que de uma forma contribuiu para a realização deste trabalho:

- *meus pais, pelo apoio e pela força;*
- *minha irmã, pela dedicação;*
- *meu noivo, pelo carinho e compreensão;*
- meus companheiros da Aciol, João e Regiane, pela atenção e contribuição;
- meu ex-padrão, Sr. Yoshinobu Sacuræ, pela compreensão;
- todos os profissionais, professores e supervisora que contribuíram para minha formação profissional;
- minha orientadora Inmaculada, pelos conselhos, indicações e por ter acreditado nesta proposta;
- a companheiros e amigos que apoiaram e aos que não acreditaram, pois mesmo não sabendo contribuíram bastante, devido à nossa vontade de acertar;
- aos profissionais da Euroexport que deram a oportunidade de realizarmos esta monografia, principalmente aos jovens atletas das categorias de base do Clube Atlético Juventus, pois são os principais responsáveis pela prática e pela vida deste trabalho.

Regiane

É uma partida de futebol

Bola na trave não altera o placar

Bola na rede sem ninguém pra cabecear

Bola na rede pra fazer um gol

Como jogador

Quem não sonhou

Em fazer um gol, e ser jogador de futebol?

A bandeira NO estádio É um estandarte

A flâmula pendurada na parede do quarto

O distintivo na camisa do uniforme

Que coisa linda

É uma partida de futebol

Posso morrer pelo meu time

Se ele perder, que dor, imenso crime

Posso chorar se não ganhar

Mas se ele ganha

Não adianta

Não há garganta que não para de berrar

A chuteira veste a meia que veste o pé descalço

O tapete da realza é verde é o gramado

Olhando para bola eu vejo o sol

Está rolando agora

É uma partida de futebol

O meio campo é um lugar dos craques

Que vão levando todo pro ataque

O centroavante, o mais importante

Que emocionante

É uma partida de futebol

O meu goleiro é um homem de elástico

Só os dois zagueiros tem a chave do cadeado

Os laterais fecham a defesa

Mas que beleza, com certeza

É uma partida de futebol.

(Skank)

Trabalho orientado pela professora
Inmaculada Figols Costa _____

Índice

Introdução.....	13
Capítulo I – Breve relato sobre o Futebol.....	16
1.1- O Futebol no Brasil.....	21
1.2- Entidades que regulamentam o Futebol.....	26
1.2.1- Âmbito Mundial.....	26
1.2.2- Âmbito Nacional.....	27
1.3- História das Copas do Mundo de Futebol.....	29
Capítulo II – Futebol e Cultura.....	36
Capítulo III – Futebol e Ideologia.....	42
3.1- Futebol: Uma paixão que cega.....	44
3.2- A Copa de 70 e o Exército de Homens Vitoriosos.....	46
Capítulo IV – Futebol: A Fábrica de Mitos e Super-heróis.....	50
4.1- Adolescente e futebol: Sonho ou Pesadelo.....	53
Capítulo V – A Evolução Histórica do Serviço Social.....	57
5.1- O Serviço Social no Brasil.....	59
5.2- O Serviço Social nas dimensões da vida social.....	62
Capítulo VI – Jovens Atletas: Futuros Ídolos.....	65
Considerações Finais.....	77
Anexos.....	79
Bibliografia.....	83

Introdução

Este trabalho de Conclusão de Curso traz um tema muito interessante e inovador para o Serviço Social, apresentaremos questões sobre um esporte considerado uma paixão nacional: o futebol.

Como toda instituição o futebol também apresenta sua ideologia, criando ídolos, mitos que muito influenciam a nossa sociedade, principalmente as mentes das crianças e adolescentes, que praticam este esporte e tentam a qualquer custo realizar um sonho de ser um profissional rico e famoso.

Partindo desse pressuposto começamos a refletir sobre essa carreira tão promissora, porém curta e instável, mas que fascina o adolescente a ponto de abandonar a escola, a família e arriscam toda a sua formação e vida, nos alojamentos dos clubes, que normalmente apresentam uma subestrutura, principalmente pela falta de profissionais habilitados para mediar as relações sociais que este jovem atleta enfrenta no dia-a-dia desta tão sonhada carreira.

Para entendermos a dinâmica deste esporte, principalmente das deficiências que ocorrem nas categorias de base, isto é, o início da formação profissional, vimos a importância de resgatar a história, a origem deste esporte, que é considerado um dos maiores fenômenos ideológico e social, sendo o mais popular do mundo e que está vinculado diretamente à nossa cultura como meio de identificação e integração da nossa sociedade, e também pelo impacto da mídia que tanto enfeitiça as mentes com as riquezas nas mensagens, proporcionando um grande espetáculo a ponto de endeusar uma figura muito importante que é o jogador de futebol, um mito que se destaca e entra nos sonhos de todos, principalmente das crianças e adolescentes que nascem, crescem idolatrando este esporte, pois desde a sua vinda ao Brasil sofreu grande

aculturação pelo negro, com o gingado brasileiro que fez com que os outros países tornassem nossas colônias, quebrando os moldes conservadores e preconceituosos trazidos pelos britânicos.

Toda essa magia e habilidade que os brasileiros encontraram para praticar o futebol, fez do Brasil o país do futebol e os garotos pela identificação arriscam suas vidas, abandonando famílias, escolas e se alojam em clubes distantes de casa, outra cidade ou estado, cada qual trazendo costumes diferentes, mas todos sonham igualmente em conseguir um dia o sucesso financeiro.

Diante desta realidade é que surgiu o interesse de entender essa relação social e como ocorre esse processo numa das fases mais difíceis do ser humano que é a adolescência, pois a mídia apresenta de forma lúdica e mágica, mas deixam de relatar as duras etapas da vida do jogador, suas origens, a trajetória sofrida e dolorida nas categorias de base, as ambiências em que desenvolve este processo profissional, seu futuro, seu fim de carreira e de vida.

Mas a realidade é que muitos não sabem que o fim do jogador de futebol costuma ser melancólico, principalmente quando falta informação e orientação sobre esta profissão tão sonhada, o filme *Os Boleiros de Ugo Giorgetti* retrata muito bem a história de antigos ídolos que fizeram o país inteiro viver momentos de alegria pelas vitórias e quando parou de jogar futebol sentiram incapacitados para enfrentar a vida sem outra opção profissional e acabaram na miséria e no anonimato.

Nos dias atuais o futebol passou por várias transformações, antigamente o jogador jogava por amor, hoje se tornaram produto de um mercado especulativo, nunca na história do futebol ganhou-se tanto dinheiro, e a mídia enaltece ainda mais esse ídolo, mas há um leve engano que mascaram, pois são poucos os que fazem parte desse time de afortunados.

Nosso enfoque está direcionado exatamente nesta questão, juntamente com o início de carreira de um jogador que ao iniciar nas equipes infantil, juvenil e juniores (Categoria de Base), passa por um processo dramático e traumático e

que nem sempre chegam ao objetivo idealizado, pois trazem uma carga de problemas sociais e emocionais que acabam atrapalhando seu desempenho no campo.

Partindo desta reflexão é que iremos apresentar uma perspectiva de atuação profissional de Serviço social nas equipes de base do futebol paulistano, que é considerado o mais inovador do país, gozando de grandes times, mas que fica para trás, quando o assunto é contratar uma Assistente Social para ajudar no desenvolvimento e na boa formação dos jovens atletas

Para fomentar nossa idéia e da importância de trabalhar essas relações sociais, apresentaremos uma frase de um ex-jogador de futebol, que muito contribuiu devido sua experiência e por ter uma visão ampla deste contexto:

“Os meninos brasileiros adoram o futebol, o esporte é barato, joga-se até descalço, e o país é imenso. Por outro lado a maioria dos garotos que entram nas categorias de base dos clubes não se tornam bons jogadores e nem profissionais. Fica no meio do caminho por falta de oportunidades, de talento ou porque são mal orientados. Os clubes deveriam se preocupar socialmente com esse fato. Muitos destes jovens geralmente são pobres e tornam-se frustrados e marginais, já que investiram sua juventude e educação num sonho de se tornar um craque” (Tostão, 2000)

Nosso objetivo é criar uma nova proposta de trabalho dentro deste contexto social, sensibilizar os clubes para investirem numa formação qualitativa dos jovens atletas contando com uma equipe interdisciplinar, oferecendo assistência profissional adequada que muito influenciará na vida desses adolescentes e que vai além de uma partida de futebol.

CAPITULO I - HISTÓRIA DO FUTEBOL

*"O futebol é um treino da liberdade
humana exercido ao ar livre"
Antonio Gramsci*

O futebol é um movimento social que desde sua chegada tem marcado a sociedade brasileira e, para entendermos de fato como isso ocorre, iremos resgatar seu início desde os primórdios e mostrar como se tornou a paixão nacional.

O mais antigo esporte de bola com os pés que se tenha registro foi o **kemari**, que teve seu início na China no ano 2600 a.C. Sua invenção tinha como objetivo o treinamento militar e seu inventor foi um jovem chamado *Yang-Tsé*. A meta desse jogo era passar além dos limites demarcados por duas estacas fincadas no chão, sem que a bola tocasse ao solo. Portanto, somente os habilidosos em embaixadas (conduzir a bola com os pés, sem que a bola toque no chão) se sobressaíam nos jogos.

Seu inventor queria desenvolver o domínio e o equilíbrio, logo a bola tinha que ser conduzida com toda delicadeza possível. O **kemari** era disputado com oito jogadores de cada lado e tinham que tocar a bola para o adversário, passando-a sobre uma corda elevada, aproximadamente, a 2 metros, fixada em

dois postes, podendo ser comparado ao voleibol atual, porém era jogado com os pés e entre os participantes adversários não podia haver nenhum contato físico, caso houvesse a partida era paralisada e o infrator penalizado com falta. Sendo um exercício sem violência foi adotado pela nobreza como a prática de um esporte e somente mais tarde chegaria ao povo.

Se para os povos do Oriente o jogo com bola era um passatempo nobre, o mesmo não se pode dizer em relação à antiga Grécia, que praticava o **epyskiros** (oriundo do **kemari**). Eles tinham uma visão diferente dos orientais, para os antigos gregos o esporte era fonte de energia entre a mente e o corpo, e poderia ser praticado por atletas de qualquer classe social.

Os gregos formaram uma civilização muito organizada, são eles os criadores das maiores disputas esportivas da atualidade, os Jogos Olímpicos, que são praticados de quatro em quatro anos. Apesar de não darem muita importância para os jogos com bola, o **epyskiros** foi a atividade que mais contribuiu para a formação do futebol. Ele era praticado em um campo retangular com uma linha divisória e duas linhas de fundo. A bola era passada de jogador para jogador até ser arremessada através da linha de fundo adversária.

Em Roma o jogo com bola é chamado **harpastum**, e tem as mesmas características que o **epyskiros**. Os romanos criaram seus próprios jogos olímpicos.

O jogo com bola se estende a vários lugares e ela passa ser o objeto mais cobiçado durante os jogos, apresenta-se de diversas maneiras dependendo do lugar, podendo ser encontrada feita de bexiga de boi coberta por uma capa de couro, existia a versão mais fina como a de bronze oca ou em uma versão mais evoluída como a de fibra de bambu que os asiáticos inventaram com o objetivo de fazê-la quicar.

Na França e Inglaterra o jogo com bola era praticado pela nobreza como passatempo inofensivo. Mais tarde surge os truculentos praticantes do **soule**, um

derivado do **harpastum** que os franceses criaram. Com este jogo iniciaram os combates em disputa pela bola, dando origem à primeira fase violenta dos jogos.

Na Inglaterra era um jogo disputado durante a **shrovetide**, espécie de terça-feira de Carnaval, quando os habitantes de várias cidades inglesas punham-se a chutar a bola pelas ruas, comemorando a expulsão dos invasores. Esta bola representava a cabeça de um oficial do exército invasor.

Apesar deste esporte ter sentido de patriotismo e se tornado popular, alguns reis chegaram a proibi-lo temendo maiores complicações. Uma guerra entre Inglaterra e Escócia, em 1597, acabou desmoralizada porque os soldados de Lancashire, tradicionais inimigos dos escoceses, desobedeceram a seus comandantes e preferiram disputar sua rivalidade no futebol, ao invés de guerreá-los. Com receio que se tornasse uma prática, o Rei Eduardo I, proíbe os soldados a jogarem bola durante a guerra, pois temia que eles abandonassem suas armas para exercer esta prática com o inimigo. O Rei Eduardo II, também não permitia a prática do jogo na Inglaterra, pois tinha medo que os jovens se descuidassem do arco e flecha para disputarem longas partidas violentas, pois para ele a defesa de seu país era mais importante do que um jogo com bola. Também, Ricardo II, Henrique IV, Elizabeth I e Jaime II aderiram à proibição do jogo com bola.

A Itália, também contribuiu para a formação do futebol atual, em 1529, na cidade de Florença, havia questões políticas para serem resolvidas entre duas posições opostas. Estas questões saem dos bastidores para serem resolvidas num jogo de bola. As duas equipes se enfrentaram violentamente durante algumas horas. Nesta disputa, denominado **cálcio**, não havia restrições podendo jogar com os pés e com as mãos e seu objetivo era introduzir a bola na meta adversária. Apesar de ter um histórico violento, o **cálcio** representa um estágio mais avançado do futebol, pois seus jogadores têm posições definidas, as regras são bem claras e as infrações anotadas por dez juizes. O Duque de Toscana, Maquiavel e os Papas Clemente XII, Leão e Urbano VIII foram praticantes do **cálcio**. Muitos italianos até hoje se recusam reconhecê-lo de futebol, pois para eles o nome original é **cálcio**.

Nos países, onde o jogo com bola era praticado com regras e delimitações para que fossem evitados atos de violência, como na França e na Itália, o esporte começa a declinar. Já na Escócia e Inglaterra onde os jogos eram praticados sem regras, se tornando cada vez mais violento, fazendo vítimas a cada jogo pela disputa da bola, mas aumentando cada vez mais sua popularidade.

Por todo o mundo verifica-se que de uma forma ou de outra havia jogo com bola com características próprias. O que se tem registrado dos nativos da América, a história do futebol ganha novos e importantes personagens, pois poucos foram os textos que narram as viagens à América se referindo ao jogo de bola. Alguns historiadores se referem à bola de borracha que os índios jogavam e esta foi à contribuição mais importante ao futebol.

Na Inglaterra, os jovens ricos e aristocráticos ao ingressarem nas escolas públicas tinham como disciplinas à prática de jogos em grupos, então passam a usufruir do esporte que até então era praticado pelos camponeses: o futebol. E este deixava seu lado perigoso e violento e se tornava mais atrativo. Em 1801, apareceram os primeiros registros de regras, uma delas é a delimitação do campo. Uma outra regra essencial foi à proibição do uso das mãos, mas em 1823, uma das universidades ao violar essa regra, a *Rugby School*, passa a dividir os adeptos ao futebol, e mesmo sem saber, contribuiu para os que jogariam com o pé e os que empregariam as mãos, surgindo assim uma nova maneira de jogar bola.

No início, houve choque entre muito praticantes do futebol e o novo jogo, pois não aceitavam as novas regras, mas o tempo se encarregou de dividir os jogadores para cada modalidade.

Para tanto, a evolução do futebol de forma menos violenta, proporcionando aos jogadores maior desempenho durante a partida, seus fiéis praticantes não queriam praticá-lo somente nas aulas, eles estavam entusiasmados com este esporte fenomenal a ponto de organizarem competições intercolegiais, e assim deu-se origem às equipes de futebol.

Após a afirmação que o futebol seria praticado com os pés os ingleses, durante um congresso que participavam onze clubes e escolas em 1863, instituíram a *The Football Association*, com a finalidade de estabelecer regras e organizar torneios e mais tarde tornou-se o órgão responsável pelo futebol da época. Essa instituição visando uma ética para o esporte que se propagava pelo mundo, lança a padronização das regras através de cartilhas distribuídas nos clubes, escolas e bancas de jornal, que tinha como um dos objetivos ensinar os interessados a jogar bola.

A prática deste esporte seduzia, cada vez mais, e com isso houve a necessidade de rever as regras, pois já estavam defasadas frente à quantidade de jogos realizados e para que essas partidas não se tornassem campo de batalhas, surgiu à figura que seria responsável pela prática das regras estabelecidas, o árbitro, representando assim a lei. Ele também é conhecido como juiz e tem o papel de mediar a partida dentro das regras estabelecidas pela entidade competente que dirige o futebol.

Com a aceitação do futebol pelo mundo e aumento de partidas entre países é fundada a *International Board* com o objetivo de legitimar as regras, contando com o apoio da Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales, para elaborar torneios internacionais restrito à Europa.

Podemos citar a evolução das leis do jogo de uma maneira resumida, começando por:

- 1863 – Aprovado pela *The Football Association* o primeiro código de regras;
- 1866 - Implantada a regra do impedimento;
- 1872 – Adotado o tiro de canto;
- O juiz até então um integrante passivo do jogo , a partir de 1881 passa a ser fundamental dentro de campo;
- 1883 – Foi feita a primeira uniformização de regras entre as associações britânicas, Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales;
- 1890 – O pênalti foi introduzido no futebol através de sugestões da federação irlandesa;

- 1895 – Uma lei é decretada e define algumas jogadas como perigosa, surgindo assim a falta, com tiro livre indireto;
- 1896 – É definido o número de jogadores em campo, sendo 11 em cada time;
- 1898 – O tempo da partida foi delimitada em duas etapas de 45 minutos cada, havendo um intervalo de 15 minutos;
- 1900 – Algumas delimitações do campo começam a surgir, como as áreas;
- 1938 – Revisão completa das leis do jogo, sendo revisadas e resumidas em 17 regras, são elas: o campo de jogo, a bola, número de jogadores, o equipamento, o árbitro, os assistentes, duração da partida, início do jogo, bola em jogo, gol, impedimento, conduta antidesportiva, tiro livre, tiro penal, arremesso lateral, tiro de meta e tiro de canto;
- 1958 – passa a ser permitido a substituição de jogadores durante a partida;
- 1970 – Na formulação deste certame, foi implantado os cartões vermelho e amarelo, para que o árbitro pudessem comunicar com jogadores de diversos países, mas que todos entendesse as suas sinalizações em campo;
- Em Junho de 1993 - O presidente da República sanciona a lei n.º 8.672 (lei Zico) que foi decretada com o intuito de assegurar os direitos dos atletas;
- Em Março de 1998 – A Lei n.º 9.615 (Lei Pelé), foi sancionada indo de encontro com a lei anterior, mas a ênfase desta lei foi a o direito do passe livre aos jogadores.

Atualmente o futebol apresenta constates manutenções de melhorias nas regras, com a intenção de manter-se como o esporte mais praticado mundialmente.

1.1 - O FUTEBOL NO BRASIL

Há indícios que o futebol teria chegado em solo brasileiro por marinheiros ingleses e holandeses ou possivelmente pelos jesuítas, porém não existe nada que comprovem estes fatos ou suposições. A única fonte segura e registrada que

temos é a chegada com Charles Miller, um jovem paulista que aos dez anos de idade foi mandado à Inglaterra, terra de seus pais para freqüentar a escola. Lá conheceu, praticou e se apaixonou por este esporte que era praticado pelos jovens estudantes de famílias ricas e aristocráticas (nobres), dentro dos colégios e universidades, bem por pequenos grupos e os clubes.

Em 1894, Charles Miller trouxe o futebol para o Brasil da mesma forma que aprendeu na cultura inglesa, elitista, racista e excludente, sendo um esporte de ricos e brancos, praticado em clubes fechados e colégios seletos. Além de sua paixão e entusiasmo, trouxe também duas bolas de couro, bomba, agulha para encher as bolas, calções, camisas e chuteiras, e o conhecimento quanto à organização do futebol inglês. E assim fundou clubes, fazendo com que a popularidade deste novo esporte ultrapassasse o críquete, o qual vinha sendo praticado até naquele momento. Ele consiste na disputa entre duas equipes de 11 jogadores os quais utiliza-se de bola e um bastão, em um grande campo gramado com formato retangular.

Os clubes como o São Paulo Athletic, a Associação Atlética Mackenzie College e outros, sofreram grande influência de Charles Miller, começaram a serem formados basicamente por ingleses e alemães. O São Paulo Athletic fundado em 1888, até então era praticante fiel do críquete, mas o futebol com seu jeito livre e espontâneo, chegou com maior aceitação e os jogadores formaram grupos que passam a treinar regularmente, contagiados pelo esporte que hoje é considerado a paixão nacional.

Em 1897 um jovem hamburguês chega ao Brasil, Hans Nobiling, jogava em um time da Germânia e trouxe para São Paulo uma bola, os estatutos de seu clube e uma vontade enorme de organizar um time para praticar seu esporte favorito, porém encontrou obstáculos, pois o futebol era privilégio dos ingleses e dos estudantes do Mackenzie College. A solução foi montar um time com os curiosos e divulgar todo o conhecimento sobre o jogo. Formaram então, o Sport Club Internacional, onde faziam parte os brasileiros, portugueses, ingleses, franceses e alemães. Nesta época o futebol passa a ser praticado por aqueles que somente assistiam aos jogos.

Em 1900 alguns rapazes, empolgados com o ciclismo, resolveram fundar o Clube Atlético Paulistano, mas o futebol superou e passou a ser a principal atividade do clube. O número de associados era grande porque muitos eram impedidos de jogar em outros clubes que os discriminavam devido à classe social. Mesmo não tendo muito conhecimento sobre o esporte, formaram um time e jogavam contra os outros clubes.

Em 1901 havia cinco clubes em São Paulo que praticavam jogos entre si, então foi necessária a criação da Liga Paulista de Futebol para que pudesse ser organizado e dirigido um campeonato. A nova entidade cobraria ingressos nos jogos objetivando se manter e dividiria com os clubes a renda apurada. O time formado por ingleses venceu os três primeiros campeonatos, demonstrando a superioridade britânica, porém não demorou para que os paulistas mostrassem suas habilidades, e partir do terceiro torneio os ingleses sentiram que os nativos também dominavam a arte de jogar, chegando a aprimorá-lo com seus costumes.

No mesmo ano o futebol chegaria no Rio de Janeiro, através de um jovem chamado Oscar Cox, que da mesma forma que Charles Müller teria conhecido o esporte na Europa, onde teria concluído seus estudos, e travou íntimo contato com o futebol e sua organização.

Suas primeiras tentativas foram em vão, pois o críquete era muito mais popular para os cariocas do que para os paulistas, mas devido às suas insistências entre seus amigos, principalmente dos não descendentes ingleses, conseguiu formar um time para o qual ensinou as regras e passou todas as informações necessárias para o jogo. Devido ao êxito do esporte, providenciou-se uma partida contra os times de São Paulo.

Inspirados no entusiasmo dos onze jogadores cariocas fundou-se o primeiro clube do Rio de Janeiro, o Fluminense. Com essa fundação provocou o aparecimento de outros clubes, tais como: o Football Athletic Club, o Rio Cricket e o Paissandu, sendo necessário a criação de um órgão para regulamentar torneio entre eles, portanto em 1904 foi fundada a Liga Metropolitana de Futebol. Nesse mesmo ano outros clubes surgem, como: o América, o Bangu e o Botafogo.

Com o passar do tempo os clubes têm suas imagens alteradas devido às mudanças dos bairros, pois a população cada vez mais deslocá-se para os centros urbanos, encantando-se por este esporte. Muitos clubes são fundados conquistando os torcedores da classe média-baixa, como, por exemplo, o Flamengo, foi um dos primeiros a recrutar jogadores não-brancos e conquistou centenas de milhares de seguidores da classe baixa, do Rio de Janeiro e de todo o Brasil.

Em São Paulo, em 1910, o Sport Clube Corinthians é fundado por assalariados, funcionários da *Companhia de Estrada de Ferro São Paulo Railway*. A origem deste clube simples e humilde marcou profundamente a identidade do futebol porque para ser corintiano deveria ser operário, então passa a contar com a simpatia popular, sem privilégios e nem preconceitos.

Quanto maior a multidão aderida ao futebol maior a responsabilidade do clube em jogar bem, porque o seu time devia ganhar. Os jogadores passam a ser vitrines dos clubes e passam a se interessar pelo retorno financeiro. Assim compreende-se que nas camadas inferiores, negros, mulatos e brancos pobres jogam bem e são jogadores de primeira classe, pois seu talento natural os ajudava, as chances de serem bem sucedidos através do futebol ou ainda por não estudarem cursos superiores e nem trabalhar, então, podiam treinar e somente jogar, entregar-se inteiramente ao futebol.

Os clubes passam a rever suas regras e tradições em relação ao recrutamento dos jogadores. O primeiro negro a destacar nacionalmente foi Arthur Friedenreich, filho de alemão e brasileira, o herói responsável pela vitória na Copa América do Sul em 1919, contra a Argentina. Na realidade muitos negros haviam realizado trabalhos maravilhosos na literatura e na arte, porém passaram despercebidos pelo povo. Mas em relação aos jogadores de futebol as coisas são diferentes, pois o povo sente que o jogador lhe pertencia, começando a perceberem que o jogador negro ou mulato era seus representantes.

Os brancos, ricos e grã-finos tentavam resistir á presença dos negros no futebol. Para isso inventam uma regra: quando um jogador branco cometesse

falta violenta em um jogador negro, o juiz apita a falta, ela é cobrada e a partida continua, porém se essa falta violenta for cometida por um jogador negro sobre um jogador branco, o juiz apita a falta e antes de ser cobrada o jogador branco tem o direito de revidar a violência. Para evitar as surras, os negros passam a fintá-los, isto é, passam a enganar os adversários, surgindo assim o drible.

Muitos outros jogadores fizeram parte, ou melhor, fazem parte da história do futebol brasileiro:

- Leônidas da Silva, considerado o melhor jogador antes do Pelé. Controlava a bola como poucos, chutava de qualquer maneira e daí surge o apelido de homem de borracha;
- Domingos da Guia, primeiro negro a jogar no clube Fluminense e os jornalistas diziam que jogava como inglês;
- E outros como Fausto, Tim, Jair, Zizinho.

Na década de 50, surge um jogador com espírito livre, com talento natural, notável ginga, porém com defeito de nascença, as pernas eram tortas. Estamos falando de Garrincha – Manuel dos Santos, nascido em uma pequena cidade do Rio de Janeiro – Pau Grande, e desde pequeno jogava futebol nas ruas pobres da cidade. Apesar de sua característica defeituosa tinha cérebro de gênio no futebol, e fez muita diferença para o futebol brasileiro.

Podemos mencionar, também o Tostão, que desde pequeno aprendeu a chutar a bola fortemente com a perna esquerda, apesar de ser destro. O seu professor foi seu irmão mais velho, Cacau, e sempre jogou bem, com bastante inteligência.

Sem sombra de dúvida, o que mais se destacou foi Edson Arantes do Nascimento – Pelé, considerado mundialmente o Rei do futebol. Nasceu em Minas Gerais e foi criado em Bauru/SP. Desde criança jogava muito bem, e na sua adolescência se destacava entre os mais velhos. Com 17 anos estava na seleção brasileira disputando a Copa de 1958 na Suécia.

1.2- ENTIDADES QUE REGULAMENTAM O FUTEBOL

O ano de 1863 ficou marcado na história futebolística como o nascimento da era moderna do futebol.

O fato de existirem várias regras diferentes vigorando em Londres, dificultava a organização de torneios naquela época. Foi quando alguns representantes de clubes e colégios se reuniram para alinhar as regras deste esporte, que resultou na criação de um organismo, a que foi dado o nome de *The Football Association* (F.A.), órgão que está em exercício até hoje no futebol inglês.

A partir de então toda reunião para se discutir futebol teria que estar envolvendo a *The Football Association*. Com esta centralização de informações o esporte só teve a ganhar e daí para frente a prática o tornou mais atraente e civilizado.

Com o crescimento do futebol foi necessário que os órgãos responsáveis em administrar a prática esportiva crescesse proporcionalmente. Hoje para exercer e fazer valer essas regras contamos com o órgão Mundial, Continental, Federal, Estadual e Municipal.

A seguir vamos apresentar algumas das entidades que delegam o futebol no mundo e no Brasil.

1.2.1 - ÂMBITO MUNDIAL

Em 1904, o holandês Carl Anton Wilhelm Hirschmann fundou a FIFA (Federation International Football Association) com o objetivo de formar leis no âmbito futebolístico internacional e criar oportunidades para desenvolver as

relações amistosas entre países. As questões políticas, raciais ou religiosas não poderiam interferir nas competições. Devido à divulgação do seu trabalho foi necessário redigir os regulamentos.

Diversos países europeus se filiaram à nova entidade e já se pensavam em organizar uma Copa do Mundo. Mas estes trabalhos ficaram suspensos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No ano seguinte, após a guerra, este assunto voltou com mais vigor. Em seus 96 anos de existência, a FIFA teve poucos presidentes, dentre eles podemos destacar o francês Jules Rimet que ficou 33 anos na administração, sendo considerado o Pai Mundial do Futebol, e o brasileiro João Havellange, o primeiro a presidir a entidade sem ser europeu. O grande reconhecimento por parte da FIFA foi elegê-lo presidente de honra.

O atual presidente da instituição é Joseph Sepp Blatter, que assumiu a presidência ao término da copa de 1998, após a saída do brasileiro João Havellange.(ver anexo fotos dos presidentes da FIFA).

Por trás dessa organização existe um suporte, que são os órgãos legislativos, executivo e administrativo que, através de congressos, são votadas modificações do estatuto, aprovar contas, administrar novos filiados, punir, eleger os membros de diretoria, e outras decisões. Estas são tomadas na sede central da FIFA que fica localizada em Zurique, na Suíça, que tem mais de 138 países filiados em todo o mundo, com sub sedes em países estratégicos, onde o futebol é fluente.O Brasil é um dos filiados, e sua sede fica no Rio de Janeiro.

1.2.2 - ÂMBITO NACIONAL

Em 1916, devido à rivalidade entre a FBE (Federação Brasileira de Esportes) que administrava as questões esportivas do Rio de Janeiro e a APEA

(Associação Paulista de Esportes Atléticos) com sede em São Paulo foi formada a CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

Com todo esse impasse administrativo, as equipes eram as maiores prejudicadas, pois o Comitê Sul-Americano não sabia quem deveria informar sobre os jogos e as equipes acabavam ficando de fora dos torneios internacionais, mas com o presidente Álvaro Zmith essa história mudou.

A CBD administrava outras modalidades além do futebol, como o remo, o atletismo, a natação, o voleibol e outros. Com esta mesma metodologia de trabalho, foi possível organizar os sul-americanos de futebol de 1919, 1922 e 1949, e a Copa do Mundo de 1950. Na administração do presidente Giulite Coutinho, houve algumas mudanças, e uma delas foi a formação de uma entidade especializada no futebol. E assim surgiu a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), e sua sede fica na cidade do Rio de Janeiro por questões políticas e o atual presidente é o doutor Ricardo Teixeira.

Esta nova instituição reformulada passa a atender somente a classe futebolística, composta por 27 Estados da União, sendo que cada federação estadual é responsável de promover torneios oficiais e amadores em nível nacional. Em 1923 a CBF filia-se à FIFA com o objetivo de administrar e organizar o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil.

A CBF é o órgão que representa o Brasil no exterior é responsável em organizar, punir, escalar juízes para apitarem e avaliar o comportamento individual ou das equipes que não estão respeitando o regulamento imposto no início de cada torneio. Todas estas avaliações são executadas em um tribunal desportivo. Neste julgamento o réu não vai preso, mas pode pagar multa, cumprir suspensão ou ser banido da prática esportiva como profissional. Pode ocorrer de um atleta ser julgado em duas instâncias, primeiro na desportiva e em seguida em júri popular.

1.3 - HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL

Os países filiados à FIFA pretendiam formar um torneio Mundial de Futebol, mas esbarraram em vários obstáculos, um deles era o custo das despesas da hospedagem decorrentes das viagens distantes. Porém quando o francês Jules Rimet assumiu a presidência da FIFA, começou a negociar com os países para que este projeto fosse concretizado.

Em 1930 realiza-se o primeiro torneio, uma competição aberta para todos os selecionados e filiados passando a ser organizado de quatro em quatro anos e será denominada: Copa do Mundo.

No início os europeus resistiram porque já tinham torneios nacionais e o profissionalismo nos clubes estava em alta. Porém, graças ao esforço e personalidade particular de Jules Rimet muitos países aceitaram o convite e fizeram longas viagens por terra ou pelo mar até Montevideu (Uruguai), o primeiro país a sediar uma Copa do Mundo, e o campeão após uma disputa com a Argentina, seu rival.

Quatro anos depois se realizou o segundo mundial que ocorreu na Itália por questões políticas. Nesta época Benito Mussolini estava no poder e quis tornar a competição esportiva em um veículo de programa político. A anfitriã pôde comemorar o seu primeiro título em seu próprio país.

Em 1938, a Copa do Mundo ocorreu na França e os países que mais se destacaram foram a Itália, pelo bicampeonato e o Brasil, pelo seu ilustre 3.º lugar, começando então, a sobressair no cenário mundial.

O último certame a ser chamado de Copa do Mundo foi realizado em 1938, a partir daí deu-se o nome de Taça Jules Rimet uma homenagem a quem mais contribuiu para a existência do torneio mundial de futebol.

Entre 1939 e 1945, devido a Segunda Guerra Mundial foi suspenso os jogos mundiais e somente foram retomados, e o país que sediou foi o Brasil em 1950.

Esta Copa foi a mais frustrante de todos os tempos para os brasileiros, pois a seleção perdeu nos últimos minutos em pleno Maracanã com 200 mil torcedores, algo para ser ressaltado em nossa história do futebol.

Em 1954 a disputa pela Taça Jules Rimet ocorreu na Suíça. No quadro de classificação, o futebol brasileiro teve sua recaída, pois a maior atração desta copa foi o esquema tático que a Holanda. Até hoje ele é lembrado, mas nenhum técnico se arrisca a usá-lo, pois estamos falando de um time que os jogadores não tinham posições fixa, todos iam para o ataque e todos defendiam. Era exigido muito preparo físico da parte dos atletas. Esse esquema ficou conhecido como carrossel holandês ou laranja mecânica, de tão rápido que era, mas a vitória foi dos alemães.

A Suécia sediou a Copa do Mundo de 1958, onde o Brasil impôs o futebol moderno e apresentou ao mundo um jovem atleta de 17 anos de nome Edson Arantes do Nascimento, que mais tarde se consagraria o rei do futebol.

Em 1962 a Copa foi realizada no Chile, dois anos após um terremoto ter destruído a cidade e mesmo assim houve condições para organizar e realizar este grandioso torneio, sendo que este já havia se tornado importante e muitos países queriam sediar o campeonato mundial. A principal estrela deste mundial foi um brasileiro que com sua espontaneidade dava um toque especial ao jogar bola, seu nome é lembrado até hoje com muita saudade: Garrincha. O Brasil se sagrou campeão, mesmo perdendo Pelé em sua segunda partida que cedeu o lugar para Amarildo, venceu a Tchecoslováquia e tornou-se bicampeão mundial.

Em 1966 a Inglaterra teve um recorde em inscrições para a Copa do Mundo. Neste mundial ficou claro que os times vinham fortemente preparados para uma disputa prática e teórica. Os técnicos traziam diversos esquemas táticos que estudavam e aprimoravam. Este torneio foi o que apresentou menos gols

para a torcida, e os decorrentes jogaram na retranca. E mais uma vez a equipe da casa Inglaterra levou o título na prorrogação contra a Alemanha Ocidental.

A Copa do Mundo de 1970 realizada no México pode ser classificada como a mais emocionante de todos os tempos para os brasileiros. A seleção canarinho (como era chamada) se deu o luxo de não empatar e muito menos perder uma partida. O Brasil que já havia conquistado as copas de 1958 e 1962, deixou a desejar na de 1966, quando não houve nenhum tipo de preparação ou treinamentos antes das partidas, pode-se dizer que foi a pior participação de uma seleção brasileira em copas do mundo.

Enfim, quatro anos mais tarde, o esquadrão de ouro do Brasil estava montado, treinado, alinhado e afinadíssimo sobre a regência do técnico Mário Jorge Lobo Zagalo. Então se sagra tricampeão do mundo e tem o direito de trazer a taça definitivamente para o nosso país.

A copa seguinte, em 1974, foi realizada na Alemanha Ocidental. Neste certame foi presenciado o primeiro afastamento de uma seleção durante as eliminatórias. A URSS em conflitos políticos com o Chile, recusou-se a jogar em Santiago, ficando afastada por decisão da FIFA.

Em 1978, os argentinos sediaram a copa do mundo, e, pela primeira vez, montaram um time forte capaz de vencer uma copa. O mundo teve a oportunidade de assistir um dos espetáculos mais bonitos, até o momento, pois um gigantesco estádio foi construído excepcionalmente para ser o palco da abertura e de encerramento da Copa. Mas os argentinos, até hoje, sabem que foram privilegiados não só porque sediaram a copa, mas sim porque o juiz contribuiu para o seu primeiro título.

Em 1982, com João Havellange na presidência da FIFA realizou-se o mundial na Espanha. Para o Brasil, este mundial foi o mais frustrante de todos os tempos. A nossa seleção foi traída pelo entusiasmo e pelo excesso grau de confiança. O italiano Paolo Rossi marcou três gols, colocando o Brasil fora da disputa deste mundial.

E a mesma Itália que desclassificou o Brasil, pôde comemorar o título mundial vencendo a Alemanha Ocidental.

A copa de 1986 ocorreu no México, foi uma das mais emocionantes de serem assistidas. Um atleta, um ídolo, um acrobata com a bola nos pés desequilibrou este mundial. A Argentina pôde contar com a força da camisa dez - Diego Maradona, que desmontou qualquer esquema tático elaborado pelos técnicos adversários. Em uma partida histórica contra a Inglaterra, marcou dois esplêndidos gols: o primeiro deles em uma dividida aérea contra o goleiro, usou indiscretamente a mão para poder balançar as redes; e o segundo lance driblou meio time inglês, o goleiro e mais uma vez, pôs a bola no fundo das redes.

Em 1990 a Itália sediou mais um mundial e pela primeira vez ocorreram expulsões de torcedores por atos de violências cometidas durante os jogos. O maior brilho com certeza foi a fabulosa seleção alemã, sob a coordenação técnica do capitão Lothar Matthaus, que chegou ao tricampeonato mundial. Mas quem roubou a cena foi a equipe de Camarões, tendo uma participação histórica quando desclassificou a Argentina e foi para as semifinais. Foi tanta a força de vontade do time, que acabava camuflando as necessidades básicas que eles sofriam. Uma delas era de não cumprir um ritual: ao término das partidas ocorriam às trocas de camisas de seleções, mas eles não podiam fazer isso, pois só havia um jogo de camisa para disputar a copa inteira. Ao contrário do que acontecia nos outros times, a equipe de Camarões não tinha patrocinador.

Em 1994, o certame foi realizado nos Estados Unidos, onde Brasil, a Alemanha, a Itália e a Argentina lutaram pelo tetracampeonato, todas estas seleções tinham craques capazes de desequilibrar uma partida. Esta copa foi uma das mais disputadas, a única até hoje que foi decidida por pênaltis e tendo o maior público de todos os tempos.

Sabemos que um jogador não ganha uma partida sozinho, mas este mesmo jogador pode fazer a diferença, foi o caso do nosso craque Romário, que teve uma excepcional participação neste mundial, não tirando o mérito dos outros jogadores. A seleção brasileira, com medo de perder e sem nível técnico que a

empolgasse, adotou um esquema tático defensivo, fazendo de cada partida um sofrimento.

Um time não muito convicto de sua atuação foi passando de fase com extremas dificuldades até alcançar a final do torneio, que foi decidida nos pênaltis contra uma fortíssima seleção italiana. A auto-confiança da seleção brasileira não era transparente fazendo com que os torcedores sofressem a cada jogo. Entretanto, no final de jogo, os brasileiros e simpatizantes pelo Brasil puderam comemorar mais um título.

O que mais essa seleção apresentou foi à união, pelo fato deles entrarem todos os jogos de mãos dadas, fazendo com que o grupo tivesse um crescimento emocional, tornando esta energia em espírito de luta, para chegar aonde chegaram.

Em 1998 chegamos à última copa do século XX que apresentou o maior gasto financeiro de todos os tempos. Os franceses não mediram sacrifícios para expor ao mundo o último certame do século, que teve participação garantida da seleção brasileira, que por ter vencido a copa anterior gozou do direito de não disputar as eliminatórias e ainda realizou a partida de abertura. A equipe com quatro estrelas no peito e o seu atacante, Ronaldinho, eleito duas vezes consecutivas o melhor jogador do mundo (1996-1997), tornou-se um fator positivo para a conquista de mais um título.

Uma festa quase perfeita para os brasileiros e franceses, esperando que aquela seria a final de todos os tempos. Uma seleção tetra campeã contra a dona da casa, que nunca tinha sido campeã de uma copa do mundo.

Porém, o atacante brasileiro, Ronaldinho, apresentou problemas de saúde algumas horas antes do jogo final, sendo encaminhado para uma avaliação médica em um hospital. A preocupação já não era a final da copa e sim a saúde do companheiro, porém Ronaldinho se recupera e entra em campo.

Mas o excesso de confiança da seleção brasileira acabou prejudicando o desempenho da equipe. O resultado não poderia ter sido pior para o Brasil. A França entrou em campo e cumpriu o seu papel, ganhando o jogo. Restou para a nação canarinho aguardar até 2002 para começar sonhar novamente com Penta Campeonato.

CAPÍTULO II - FUTEBOL E CULTURA

“Na sociedade capitalista contemporânea que acelera a produção de uma sistema, gerando o isolamento e o desenvolvimento social, o futebol produz relações de proximidade e identificação entre pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas ao redor do mundo”.

Touraine

A Cultura, conforme Lamartine Pereira, representa tradições, costumes, artes de um determinado povo, o esporte é um bem cultural, convive e evolui de acordo com a modernização da sociedade, recebendo influências tecnológicas e tendo seu valor alterado, seja de caráter competitivo ou simplesmente recreativo.

A competição é o jogo levado a sério dentro de suas regras, não constitui em uma simples brincadeira e dessa forma o jogador tem sentimentos de satisfação em caso de vitória e de frustração em caso de derrota, bem diferentes dos sentimentos ao se praticar um esporte por diversão de forma lúdica.

O esporte sofre mudanças devido a sua evolução cultural e um bom exemplo disso é o futebol, o esporte mais praticado no Brasil e no mundo.

No final do século XIX e início deste os brasileiros começam a receber fortes influências culturais estrangeiras. Essas influências se dão porque a burguesia emergente da época valoriza os hábitos e costumes importados negando a tradição e cultura local, pois é necessário transformar a estrutura econômica nacional: da atividade agrária para o capitalismo industrial. Essa nova economia faz com que os homens também se transformem em um modo capitalista de pensar e agir. Porque seria impossível a instalação desse sistema em uma sociedade que mantivesse as tradições e costumes que se opunham a ele.

Nesta época a sociedade brasileira passa por diversas mudanças na cultura, na forma de viver e a população chega a 192 mil habitantes. Gente que chegava da zona rural, negros que a abolição libertara e não tinham para onde ir, e imigrantes atraídos pelo café. Esta nova cidade com ruas cheias, vilas sendo construídas convencem os brasileiros a exigirem novas condições de trabalho: diminuição da carga horária, proteção à mulher, melhores salários, e outras. Com o surgimento das greves as autoridades percebem que é preciso criar um *esporte de massa* para que possa abranger a todos. Então falam para os operários jogarem futebol, e dão isenção de impostos aos donos de campos e clubes.

O futebol surge com espírito elitista, onde a elite urbana celebra Charles Müller como fundador no país, porque importava os valores ingleses e negava a cultura indígena. Dessa forma recusam a aceitar que os índios já jogavam bola, porém esta era de borracha e não de couro como a do europeu, conforme Gilberto Freyre descreveu em “Casa Grande & Senzala”: “Há, entretanto, uma contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio¹ aos jogos infantis e esportes europeus: a da bola de borracha por ele usada num jogo de cabeçada” (FREYRE, in SHIRTS, 1982: 87-89). Esta dicotomia da origem do futebol no Brasil se dá no âmbito da valorização exarcebada dos costumes europeus pela burguesia, pois garantiam mais **status** em detrimento da cultura indígena.

O futebol passa a fazer parte da vida dos brasileiros, primeiramente dos

1- Índio nativo da América.

jovens de famílias ricas que o praticavam em colégios e/ou clubes. Estes exigiam riqueza e tradição, impunham barreiras sociais rígidas, verdadeira violência contra as camadas populares, compostas por negros, mulatos e brancos pobres, que eram proibidas de chegar perto dos gramados.

As camadas populares mesmo distantes dos jogos, se sentiram atraídos e passaram a praticar clandestinamente este esporte, não levavam em conta se estavam ou não jogando dentro das regras estabelecidas. Jogavam a seu modo e condição, pois perceberam que era uma brincadeira para pobres porque não exigia equipamento especial. Ignoram a discriminação com arte por meio do jogo de várzea e de periferia.

É a popularização e democratização do futebol, enraizadas na própria identidade populares. A bola podia ser de pano, borracha ou de outro material e o local também podia ser qualquer um. Essa imaginação popular passa ser a principal autora do alastramento do futebol pelo país e da paixão dos brasileiros por ele.

Uma outra questão, quanto a popularidade do futebol no Brasil é que apresentava uma linguagem comum e acessível a todos. Assim a principal característica para se jogar futebol já não era ser rico, pois nem sempre este é o mais hábil. Os clubes passam a procurar os melhores jogadores não só em colégios, mas em qualquer espaço onde se jogue este esporte, como por exemplo na várzea. Os melhores jogadores são contratados independentes de serem brancos, negros, mulatos ou pobres, e assim as restrições vão abaixo.

Dessa forma o football passa a ser futebol e se apresenta como uma dança, devido a grande influência da cultura africana que se incorporou no cotidiano do povo brasileiro, deixando um traço característico de uma população alegre e com grande ginga. Gilberto Freyre, sociólogo que explica a mobilidade social, pois os brasileiros têm forte influência africana e essa cultura transforma tudo em dança, com características alegres, e o povo do Brasil em geral se adapta a essa cultura. Gilberto Freire, sociólogo que explica a mobilidade social

pelo jeito de ser, afirma que o futebol brasileiro se mostra de modo dionisíaco², pois é jogado como uma dança e os jogadores como artistas que estão no palco, contrariando o modo apolíneo³ britânico, porque na Inglaterra era praticado corretamente dentro das regras, equilibrado e frio sem jogadas alegres, num jogo anguloso, em linha reta para frente com bolas altas e longas. (FREYRE, in SHIRTS, 1982)

A cultura afro-negra contribuiu muito para esse jeito bem brasileiro de jogar futebol, porque são alegres e gostam de dançar, e devido à sua condição social, isto é, eles eram escravos e há pouco tempo que a Lei Áurea havia sido assinada e tinham preconceito e discriminação para com eles, os negros praticavam seus jogos isoladamente, muitas vezes disfarçando em danças para que ninguém entendesse a intenção de revolta. E um desses jogos é a capoeira que muito influenciou o jogador a ter gingado, molejo, e assim criou-se o drible uma forma de enganar o adversário, podemos citar também a jogada de bicicleta que deixa o oponente sem ação.

“O futebol brasileiro não é **sport** – como para americanos e ingleses – ,é jogo, e por isso dizemos jogo de futebol” (MATTA, in MILAN, 1998, p:12). O garoto brasileiro cresce jogando peladas nas praias, nas ruas, na várzea e assim para ele é natural saber jogar, quando chega ao clube consegue fazer de tudo com a bola, e o treinador não precisa ensiná-lo e sim selecionar aquele capaz de amortecer a bola em plena corrida, driblar e chutar com os dois pés. Bem diferente do menino inglês, francês ou italiano que chega ao clube para aprender a jogar bola, ou aprende através dos livros as jogadas e os chutes possíveis, mas o brasileiro ignora essa literatura e assimila o jogo brincando, inventando e investigando através de jogadas e possibilidades.

No Brasil este esporte é criativo, onde os jogadores são capazes de fazer o impossível acontecer devido à improvisação. Com estilo próprio de um povo que se entrega à imaginação porque vê nela uma saída, e como toda criança, o

2- Relativo ao deus grego, Dionísio, deus da embriaguez, da festa e da alegria.

3- Corresponde ao deus grego, Apolo, deus do equilíbrio, da medida e da formosura.

brasileiro cria fantasias, cultiva novas idéias, e o futebol passa a ser jogado de maneira bonita e dinâmica

O futebol transmite continuamente os valores sociais e é a maior manifestação de massas no Brasil. Abriga muitas contradições: solidariedade e disputa, promoção e destruição, alegria e tristeza.

CAPÍTULO III - FUTEBOL E IDEOLOGIA

“O futebol alimenta o imaginário do torcedor, que por sua vez, se identifica com o jogador, o idolatra, criando dessa maneira, o mito”.

Vera Regina Toledo Camargo

O futebol é considerado um fenômeno universal, que em torno de uma partida gira um número estrondoso de pessoas, numa dinâmica que envolve a bola, os torcedores, os jogadores que vibram e fazem vibrar, transformando num espetáculo indescritível, onde as cores das bandeiras e as pessoas se misturam e transformam aquele momento num espetáculo mágico, envolvente, emocionante, fascinante, que não dá para explicar o sentimento.

Mesmo aquele torcedor que vibra somente nos momentos de Copa, que se diz alheio a qualquer time emociona-se quando vê os jogadores entrarem no gramado verde do estádio, sentindo as vibrações de milhares de pessoas gritando, cantando, rezando num suceder de emoções que fazem o coração disparar de alegria, chegando até mesmo a enfartar de tanto amor pelo esporte mais popular do mundo.

Quando ocorre o gol não dá para descrever a euforia da torcida, é um grito coletivo de alívio onde as tensões são exaladas, como se colocasse a vida para fora, num desabafo que vem de dentro da alma. Até mesmo em crises nacionais os estádios ficam lotados, movimentando milhares de pessoas como se ali fossem decidir os problemas de suas vidas e de toda sociedade, numa hegemonia capaz de remover o mundo.

Essa torcida é um fenômeno extraordinário, não importa o nível social, são todos iguais nessa hora, é na verdade uma das maiores manifestações coletivas, onde as pessoas se apaixonam e estão sujeitos a uma seqüência emotiva, mesmo que inconscientes. Seja nos pequenos campos, na várzea ou nos grandes espetáculos, são infindáveis as dimensões desse esporte, onde as figuras dos jogadores, dos bandeirinhas, do árbitro da partida deixam marcas eternas na memória dos torcedores que jamais esquecem dos fatos e das histórias esportivas.

A força ideológica desse esporte é muito forte na nossa sociedade, tem sido uma grande válvula de escape, esses comportamentos podem ser definidos como uma **cartase coletiva**, ou seja, é a necessidade básica do ser humano de expandir, libertar seus instinto e suas manifestações, é uma festa liberatória de tensões, representa um fenômeno de histeria coletiva (FERNADEZ, 1974).

Assistir ou jogar uma partida de futebol tem sido o melhor espaço e momento para extravasar as angústias instaladas na alma humana, devido ao processo tecnológico excludente da sociedade capitalista, e para aliviar os problemas causados nada como uma seqüência de jogos para drenar a enorme necessidade de afirmação ofensiva reprimida que cada um traz dentro de si.

O futebol tem sido uma das formas encontradas para obtenção da estabilidade e satisfação pessoal, construindo uma terapia em massa, onde o duro banco da arquibancada torna-se o confortável divã do psicanalista. A cada lance, cada gol, cada falta é para o torcedor o alívio das tensões, da angústia,

permitindo abstração de toda a realidade cotidiana, e no final da partida está em condições de enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.

Em final de campeonato e dos jogos da Copa a platéia não se contém, todos vestem a camisa do time numa histeria total, expandem as emoções como se tivessem dentro do campo decidindo suas próprias vidas. Na verdade, o futebol, é a forma mais livre do ser humano se sentir herói em determinada circunstância, a chance de sair da realidade, a máscara que esconde todos os problemas, mesmo que tudo isso ocorra por um tempo determinado.

3.1 - FUTEBOL: UMA PAIXÃO QUE CEGA

Já apresentamos como este esporte exerce uma força muito forte na mente das pessoas, ninguém fica imune a tanta paixão. Porém iremos mostrar um outro lado que julgamos importante, refletir sobre o uso ideológico e político que o Estado utiliza deste para propagar as práticas dominantes.

Para podermos entender este mecanismo, recorreremos a teoria do sociólogo e economista Antonio Gramsci, pela sua linha filosófica marxista e pelos objetivos de transformar as concepções sobre a sociedade, a cultura e o Estado.

Seus conceitos marcaram o marxismo contemporâneo, pois a partir do século XIX surgiu uma nova esfera do ser social capitalista, isto é, os aparelhos privados de hegemonia que formaram partidos de massa, os sindicatos, as associações que resultaram numa **socialização política**, essa nova esfera recebeu o nome **sociedade civil**. Para ele a sociedade civil era uma arena de luta de classes para conquistar a hegemonia, buscando legitimar os interesses e o consenso rebatendo os interesses da classe dominante.(CAMPOS, 1999).

Trazendo a questão da hegemonia para nossa sociedade, sabemos que é extremamente diferente, a ideologia do sistema faz da hegemonia uma única opção viável para um modelo de vida, tende a uma filosofia positivista, sem mudança social, de forma determinista e absolutista. Diante dessa reflexão apresentada é que iremos fazer um paralelo sobre a hegemonia dos torcedores de futebol, a arena que é o campo, e a utilização destes pela classe dominante.

O futebol tem sido na verdade a maior hegemonia cultural de todos os tempos, sua ideologia não é de transformação social, não está a serviço da sociedade civil, mas é uma opção fechada que há uma inversão, assumindo uma cultura de conservação de despolitização que a classe dominante se apropriou para determinar uma ideologia que mascare a realidade do país.(RICCI, 1978).

A ideologia dominante se propaga através de aparelhos ideológicos, produzindo efeito, como num clima democrático, um grosseiro disfarce, camuflando as ações, o inverso da ideologia hegemônica idealizada por Gramsci. Infelizmente o futebol tem sido utilizado pela ideologia dominante, para reproduzir a estabilidade econômica, política e social de forma neutra, mistificando as relações.

A precisão ideológica cria uma ilusão para os dominados, invertendo a realidade, é o **aparecer social**, isto é, o modo como este processo social aparece para a consciência direta do ser humano .

Para refletirmos e canalizarmos as questões apresentadas, a frase de um ex-jogador de futebol do Comercial de Ribeirão Preto, que define muito bem o poder e o uso ideológico do governo: “O futebol nos condiciona de forma exagerada, e as situações básicas para a vida do ser humano ficam esquecidas. Quanto tempo e espaço dedicados ao futebol, principalmente pela imprensa, enquanto os outros problemas que pedem soluções urgentes ficam estacionados pela indevida atenção” (RICCI, 1978:3).

Este esporte tão amado e cultuado mitifica a realidade, faz com que os seres humanos, de forma hegemônica, deixem de compreender seus próprios

problemas. Caso essa união fosse utilizada para os reais interesses sociais a sociedade civil governaria nosso país e o futebol seria uma prática livre. Mas os meios de comunicações enfeitam as manchetes esportivas, dando um valor mágico, para que as pessoas, cada vez mais, fiquem dependentes deste esporte, que na verdade legitima o capitalismo de forma reacionária, transformando trabalhadores em torcedores, condicionando-os a uma posição passiva diante de tantos outros noticiários importantes.

Esta apropriação da classe dominante nos remete a seguinte conotação que os investidores do esporte ditam as regras para fazer do futebol, o qual é considerada a paixão nacional, um clássico de ilusão, pois sabem que envolve uma gama extraordinária de torcedores fanáticos, que no contexto coletivo faz deste esporte o **ópio do povo**, enveredando toda a verdade humana.

3.2- A COPA DE 70 E O EXÉRCITO DE HOMENS VITORIOSOS.

Como vimos, o uso ideológico e político no futebol se tornaram bastante presente, marcando momentos históricos de muito países. No Brasil não foi diferente, na Copa de 70 em pleno regime militar, foi um marco na vida dos brasileiros quando se sagrou tricampeão de futebol no México. Diante de tanta alegria, com um exército de homens vitoriosos, esse esporte legitimou a ação militar sem que o povo percebesse, a ideologia dos dominantes que mascarou toda a realidade foi o maior marketing político da história do futebol no período do militarismo .

No período de 1969 a 1974, o país passava por momentos difíceis, haviam grupos armados de oposição ao governo que atuavam nas grandes cidades, era a chamada guerrilha urbana. O Partido Comunista do Brasil considerado ilegal se organizava na região do Araguaia, lutando pela posse da terra.

O governo militar reprimiu duramente a guerrilha, tanto nas cidades quanto nos campos, muitos foram mortos, cassados ou presos, eram submetidos a cruéis torturas para confessar os nomes dos companheiros, como aconteceu com Carlos Marighela (ex-deputado) e com o capitão Carlos Lamarca que lutavam contra a ditadura.

Ao mesmo tempo em que eliminou a resistência armada ao regime militar, também se estabeleceu uma forte censura à imprensa e à produção cultural, tudo isso era real, mas todo mundo era levado a crer que o país estava em perfeita harmonia porque os jornais não podiam divulgar, então passavam a publicar poemas e receitas culinárias no lugar dos textos proibidos e censurados.

Durante dez anos vigorou o Ato Inconstitucional 5 (AI 5), que dava poderes ao governo para reagir a qualquer manifestação contrária. A censura federal proibiu mais de quinhentos filmes, quatrocentas peças de teatro, duzentos livros e milhares de música.

O Serviço Nacional de Informações (SNI) espalhou milhares de agentes e informantes por todo o Brasil, como: escolas, fábricas, prédios, esquinas e outros, para descobrir e denunciar aqueles que fossem contra o regime militar. Os índices elevados do crescimento econômico eram vistos como um progresso necessário, pois segundo as estatísticas, o Brasil era o país que mais crescia, ocorreu então **um milagre econômico**. (FERREIRA, 1997: 183).

A base deste milagre era a expansão industrial, que foram beneficiadas com a isenção de impostos e a ampliação de crédito para os consumidores, com a redução dos custos e o aumento das vendas. Além do crescimento deste setor, houve as construções de gigantescas obras públicas, como: a Ponte Rio-Niterói (RJ), a duplicação da ponte Hercílio Luz (SC), os metrô do Rio de Janeiro e São Paulo, o elevador Costa e Silva (SP), as rodovias dos Imigrantes (SP) e a Transamazônica (AM), a hidrelétrica de Itaipu (PR), evidentemente com todos os setores da economia vivendo um período de grande expansão, o clima só podia ser de euforia.

Para reforçar o **milagre econômico** era preciso fazê-lo cada vez mais necessário para o Brasil, o presidente militar dizia : “**O país vai bem, mas o povo vai mal**”. Tudo isso era usado a favor da propaganda do governo, o Brasil era uma **ilha de tranqüilidade**. (PILETTI, 1988: 87). Mas por outro lado havia as desigualdades sociais, as censuras, as perseguições políticas e muitas torturas. Para camuflar esta realidade o governo lança um slogan **Brasil ame-o ou deixe-o**, muito convidativo aos que não acreditavam no **milagre econômico**, ou seja, era um convite para que se retirassem aqueles que não aceitassem o desenvolvimento do país (grifo nosso).

Para completar toda essa utopia, 1970 era ano de Copa do Mundo, é claro, que toda essa felicidade vinha por completo, aproveitaram o grande momento e instituíram o jogo da loteria esportiva, onde todos apostavam na sorte sonhando com as riquezas apresentadas nesse período. Essas estratégias que o governo utilizou foi inacreditável, mudou até a linguagem política, buscou explorar temas populares para se aproximar ainda mais das camadas menos favorecidas.

O presidente Garrastazu Médici, considerado o torcedor número 1 do país, dava palpites sobre a escalação do técnico João Saldanha, e este deu uma resposta à altura : “Quando formou o gabinete, não me consultou, no entanto, para formar o meu time não preciso perguntar”. (Pasquim, in RICCI, 1986: 36).

Toda essa repressão e ideologia contribuíram para reforçar o militarismo, e devido ao tricampeonato o clima era de euforia e contentamento por parte da sociedade que nem imaginavam o que ocorria nos porões da ditadura.

Este período foi marcado não só pelo título da Copa do Mundo, mas também do campeonato mundial de tortura e o maior cúmplice desta ideologia política foi o futebol. (PILETTI, 1998).

O futebol de forma indireta demonstrou o quanto sua ideologia serviu e legitimou o governo militar, que jogou tudo em cima da Copa, a conquista do título dava a conotação que a vitória do Brasil nos gramados era um salto do desenvolvimento e de felicidade na vida de todos os brasileiros.

CAPÍTULO IV - FUTEBOL: A FÁBRICA DE MITOS E SUPER-HERÓIS

“Saber quem somos é o principal passo para sermos felizes. Quando nos desconhecemos, passamos a ser alvo fácil dos estímulos externos, o que geralmente ocorre com todos que tem uma atividade popular. A consciência de que aquela vida não é e nunca será real é fundamental para que possamos viver em harmonia”.

Ex-jogador Sócrates

O futebol como já vimos é um jogo que emociona multidões, ocupando a função de esporte nacional, dentro da nossa cultura. Um jogo revolucionário, principalmente por ser jogado com os pés, é um encontro de opostos, defrontando padrões patriarcais, vindo dos britânicos, florescendo nossa cultura, tornando mais eficiente que uma escola, qualquer um aprende a jogar e amar esse esporte, é a maior liberação da repressão e imaginação do ser humano.

Para dar mais ênfase a este contexto apresentaremos uma grande figura, a mais importante deste esporte, que através das grandes jogadas, dribles e gols, tornou-se o centro das atenções o jogador de futebol.

Nos momentos de vitórias são considerados heróis, deuses e ídolos, e nas derrotas vilões, tanto pelos torcedores como pelos meios de comunicação em massa, que a imprensa promove, fazendo com que todos, indiscriminadamente, se sintam super-heróis.

O poder linguístico da imprensa transforma homens comuns em mitos, que de forma sobrenatural contagia a todos, sentindo o milagre de serem estrelas. Toda essa magia criada em cima dessa figura, que dá luz a esse espetáculo e magnetiza as mentes, principalmente dos adolescentes, que sonham com esse **status**. (WITTER, 1990,: 57).

O mito é uma figura marcante na vida de todos, na Grécia antiga uma das grandes obras mitológicas foi Odisséia de Homero, poeta do século IX a.C., autor de vários poemas épicos, criou Ulisses um guerreiro que enfrentou um mundo hostil, cheio de inimigos, vencendo a guerra de Tróia, e quando retornou para Ítaca, foi considerado um herói, fortalecendo a importância do poder, servindo de exemplo a todo o povo grego. (ARANHA, 1990: 31)

Essas ações heróicas mostram a divindade dos mitos, os deuses, criados para reafirmar uma sociedade, e normalmente se manifestam em campo de batalha, pela coragem, força e também pela persuasão de quem faz o discurso. Percebemos então, que o mito pode ser uma narrativa, uma fala onde todos se espelham, exprimindo suas dúvidas e inquietações. Definir o que é mito fica difícil, mas podemos dizer que é um fenômeno de sentido difuso, representando várias idéias. (ROCHA, 1980,: 175).

Na Antropologia a interpretação do mito serve para descobrir o que este pode revelar sobre a sociedade, podendo compreender uma determinada estrutura social, revelando o pensamento de um povo e como ocorre as relações sociais. Os persoagens pretendem simbolizar ou retratar a natureza humana, a evolução do homem e seus processo psíquicos.

O ser humano é idealizado por seres mitológicos, deuses e demônios, cada um simbolizando sua forma de homem, suas glórias, fracassos e conflitos, é na verdade a própria reificação deste e da vida. (MARIETA, 1995: 75). Toda proposta de desenvolvimento desta consciência é revolucionária e ativa no inconsciente coletivo a imagem nítida do homem enquanto herói.

Na nossa sociedade segundo Marilena Chauí (2000), há vários mitos, cada qual tem função determinada para agir na consciência humana, acontece de acordo com a situação e sendo como uma das grandes características básicas do mito é que ele é uma fantasia criada pela classe dominante, conveniente para a manutenção de seu domínio.

A reflexão que queremos fazer diante deste contexto sociológico, antropológico e filosófico é fazer um paralelo do mito e o jogador de futebol, considerado muitas vezes um herói, um deus, que todos os meninos e adolescentes se espelham quando estão disputando uma partida de futebol.

Os jogadores são heróis do povo, que através de um ritual dramático sentimos que realizam proezas que gratificam a todos. Um jogador de futebol tem um poder mítico que é capaz de confrontar um adversário, expondo toda sua capacidade, habilidade e conhecimento, está sempre disposto a entrar no campo engrandecendo toda a nação, como um rei, um grande guerreiro que jamais é derrotado em campo de batalha.

O jogador tem sido visto como um mito inexplicável e utilizado ideologicamente pelo sistema e pela mídia, seja quando esta representando um clube ou um país, cujo gramado torna-se um campo de batalha e ao vencer a partida ou a batalha, sai como um herói, onde todos querem se espelhar para vencer a dura batalha que é a realidade vivida por muitos.

Esse grande herói da cultura de massa cada vez mais mobiliza a sociedade, dando uma concepção lúdica da vida e os meios de comunicação se encarregam de criar ídolos e de lapidar sua imagem, explorando e mitificando os fatos primordiais de um fenômeno forçosamente regido pela espontaneidade.

(FERNANDES, 1974: 26 e 27). Mas esquecem de dizer que os mitos e heróis do futebol tem uma realidade por trás desta magia que deveria ser ressaltada, uma delas é a curta carreira de um jogador que chega no máximo aos 35 anos, e a maioria dos jogadores ficam no anonimato, reforçando **a massa dos operários do futebol** (WITTER, 1990, p: 30-31).

A imprensa atribui um papel especial ao jogador de futebol, tecendo comentários fazendo do homem comum um super-herói, mas não narram as dificuldades desse mito, que ao sair de casa, para alojar-se nos clubes passam por situações que jamais imaginariam.

4.1 - ADOLESCENTE E FUTEBOL: SONHO OU PESADELO

No início do século XX, o futebol passou a ser praticado por todos, inclusive negros e pobres, as mães tinham pavor de verem os filhos jogando bola o dia inteiro, como se estivessem à toa sem qualquer perspectiva e com ares de vagabundagem de moleque de rua. Diferente da época atual onde o jogador ocupa uma posição mitológica e já não é mais visto como antes, pois representa a esperança de uma família de muitos irmãos e pais pobres, despertando toda ânsia e expectativa de um dos filhos ou irmãos que nascem com o domínio da bola.

Muitos garotos no começo da carreira chegam a abandonar a família, humilde e interiorana, para morarem definitivamente nos alojamentos dos clubes distantes, visando garantir a comida, o pouso e o tratamento médico, para alcançarem o grande sonho. (PROENÇA, 1981).

A iniciação em qualquer prática esportiva é baseada em perspectivas de tornar-se ídolos e heróis, principalmente na adolescência, que a busca do eu no outro é intensa, pois passa por uma crise de identidade, procura novos padrões

de comportamento e sente a necessidade de encontrar algum modelo mítico, mas há muita tentativa e erro nesse processo, esta fase é a mais difícil do ser humano, pois não é criança nem adulto, é um salto qualitativo onde as características marcarão sua vida adulta, passando por um processo de depressão, de medo e de descontrole (BECKER, 1989, p: 42-43) e (RUBIO, 2000: 130).

Há inúmeros motivos para justificar toda essa paixão e busca por esse esporte, uma delas é a própria família que é responsável, muitas pelo **status** de ter um herói e também pelo fato de saber que investir nesta profissão é mais rendosa do que qualquer outra no Brasil. Para a maioria das famílias, principalmente das camadas menos favorecidas, é uma alternativa de sair da situação, deslumbrando como o melhor caminho para o futuro, porém nem sempre este adolescente chega a ser um jogador profissional, mas pelo menos deixa de dar despesas por algum tempo em casa e vive por conta dos clubes até que a sorte chegue.

A família exerce grande influência na vida desses jovens, pois é dentro desta instituição que a criança aprende a desenvolver suas motivações, auto-estima e constrói sua própria identidade, sendo um grande facilitador para se chegar a esta caminhada profissional, pois gera grande expectativa e quando o adolescente se vê diante desta responsabilidade, centraliza seus esforços de tal forma que deixa de lado a prática recreativa e passa a enxergar somente o esporte como instrumento de posição e ascensão social.

Nessa dinâmica de treinos, jogos, campeonatos, viagens, mudança de Estado, acaba abandonando a própria família que o despertou para este esporte, e o lúdico torna-se um investimento que pode futuramente despertar algum empresário que percebendo a habilidade deste adolescente, apresenta aos clubes de futebol e acaba negociando seu passe, os contratos milionários começam a aparecer e assim, sendo a lógica da relação, custo e benefício prevalece mais uma vez sobre a vida de quem sonha ser um dia jogador de futebol e aquilo que era somente lazer passa a ser profissão (RUBIO, 2000, p:131).

Porém a trajetória tanto de um adolescente rico ou pobre neste esporte é a mesma, quando chegam nos alojamentos dos clubes para fazerem parte das equipes de base, isto é, categorias que começam aos 14 anos (infantil), 16 (juvenil) e 18 anos (junior) e depois dos 20 (profissional), esses jovens são alojados conforme a idade, a posição no campo, carregando um número nas costas, tornando-se desde cedo um produto do futebol, que mesmo em fase de desenvolvimento, cheio de dúvidas, indecisões, enfrentam esse grande desafio, que nem sempre acaba bem, mas que a ideologia deste esporte mascara toda a realidade que esses pequenos heróis enfrentam e ficamos somente com a melhor imagem apresentada pelos meios de comunicação: craque e rico, porém desinformado, quem não almeja ter essa profissão?

Parece sonho mas não é, para chegar no pódio dos afortunados o processo é dolorido, até mesmo o Rei Pelé, considerado o mito do século, diz não ser exemplo para ninguém neste relato:

“O futebol me deu muitas alegrias, ganhei e continuo ganhando muito dinheiro, jogando ou fazendo publicidade, mas o que me preocupa é que muitos entram sonhando ser iguais a mim e nem todos tem essa sorte que tive, por isso eles se esquecem de se preparar para a vida fora dos estádios, e no dia em que encontram o primeiro problema entram em desespero. Minha família era pobre, precisando de dinheiro, sai de casa para Santos, deixei Bauru e meus pais, ainda criança e só pensava em futebol, dia e noite, não tinha tempo para estudar e me preparar, mas logo que pude retornei à escola. Os clubes não gostam de estudantes, mas isso é um luta que todos nós temos que vencer, nem que seja na lei”. (PROENÇA, 1981, p: 56).

Esse relato, digno de um eterno mito, nos mostra que o futebol como jogo não sofreu grandes alterações no decorrer do tempo, porém perdeu o seu tom lúdico na medida em que é encarado como um bom negócio, principalmente para

os clubes, o natural desnaturalizou-se, a indústria do futebol exige ídolos, patrimônios, este mercado em alta é sempre notícia. Desde então, os jogadores foram se conscientizando de que só valiam enquanto jogavam, pois a carreira é curta e não dá outra alternativa profissional, devido a dedicação pelo esporte, aprendeu fazer seu *pé-de meia* oficializando as partidas por dinheiro, através do **bicho**, que é um reforço financeiro, extra-salário pelo bom desempenho em campo, se esforçando muito para garantir seu futuro, que sempre é ameaçado, já que o presente no futebol é efêmero, acabando com a idade limite não muito acima dos 30 anos. O jogador aprendeu em demasia a se valorizar, já começa na própria categoria de base, muitos já sabem que para valer a pena só se for craque e ter vários contratos publicitários, do contrário logo vem o anonimato e se não souber administrar o dinheiro em seguida vem a miséria. (FERNANDEZ, Futebol fenômeno lingüístico, 1974, p: 24-25).

Os clubes são os maiores responsáveis por esta inversão de valores, exploram a ideologia do esporte, as falsidades subjetivas dos cartolas, dos dirigentes. O futebol empresa é que determina as ações dos atletas e de todo o campeonato, o esporte foi recriado pela imagem, treinado desde o início para tirar o máximo de recursos dos contratos publicitários, os atletas agora criam e recriam personagens de si próprios, uns conseguem explorar melhor a sua imagem, o carisma é muito importante para vender um produto ou criar um conceito.

Com a grande demanda por publicidade ligada ao futebol e ao esporte em geral, evitar o fim da euforia virou um dos principais desafios de empresários e jogadores. A Nike tem hoje contratos com cerca de 60 atletas brasileiros, através deles é que as vendas crescem, e juntos a empresa e o atleta, tudo isso reforça ainda mais as ilusões dos jovens que acham que para ganhar dinheiro basta somente jogar futebol (DIAS, 2000).


O assédio dos patrocinadores fazem com que os atletas passem a valer mais por atuações longe do campo do que dentro dele, hoje o bom futebol tem que ser muito bem administrado, o objetivo é muito claro: dar lucro aos investidores desse esporte, e para isso é preciso fazer gols, muitos gols no adversário e a figura mais explorada sem dúvida é o jogador, que fica com a

função mais difícil, e caso não atinja a meta da empresa, são sacados, isto é, vendidos ou mandado embora.

CAPÍTULO V - A Evolução Histórica do Serviço Social

“Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras”.

Código de Ética.

 Serviço Social surge com a questão da ajuda, pois desde o aparecimento do homem na terra existe o fato ou o ato de ajudar o próximo, corrigir ou prevenir os males sociais, levar os homens a construir seu próprio bem-estar.

Com o decorrer da história houve diversas pessoas que se preocupavam com essas questões e lançavam bases para o trabalho social, destacamos as mais significativas, a saber:

- Juan Luis Vives (1492-1540) - espanhol que publicou um livro que dizia as causas da miséria e a necessidade de união dos homens e da divisão do trabalho. Vives declarou que o Estado deveria ter maior participação na assistência, porém morreu incompreendido pelos seus contemporâneos.

- São Vicente de Paulo (1581-1660) -, sacerdote francês que procurou sistematizar a distribuição de socorros e organizar a reabilitação dos pedintes. Fundou uma associação denominada *Damas de Caridade*, que no início faziam visitas aos doentes e pobres para levar-lhes o necessário, depois passou a recrutar e formar moças para que pudessem dedicar aos *serviços dos pobres*. Podemos dizer que esse é o primeiro passo para a profissionalização do exercício da caridade.

Na Europa, com a Reforma Protestante, o Estado passa a se interessar pelo bem-estar do povo, pois havia muita mendicância, chegando a ser considerada uma profissão. Inicia-se uma série de iniciativas para assistir os pobres e muitos países fazem a legislação visando à assistência social. Portanto, no século XIX começou as primeiras tentativas para organizar a caridade, pois até então era considerada um meio de santificação para aqueles que a praticavam.

Neste mesmo século a sociedade passa por grandes mudanças decorrentes da industrialização, que reduziu o artesanato e modifica as relações sociais, o cenário econômico e familiar. A mão-de-obra deixa de ser exclusivamente masculina, e passa também a ser feminina e infantil. A política do capitalismo que procura obter lucros cada vez maiores, fixa salários baixos garantindo apenas a subsistência. Surge nesse cenário, uma nova classe de pobres, os assalariados. Temos também o êxodo rural, pois as famílias são obrigadas a se mudarem para os grandes centros industriais em busca de trabalho e como consequência as metrópoles crescem desordenadamente, gerando prejuízos em relação à infra estrutura.

Com o aparecimento dos bairros operários na Inglaterra surgiu a Charity Organization Society (COS) composta por homens universitários dispostos a dar assistência aos atingidos pelos riscos da vida. Surge a Assistência Social tem sua primeira atuação como forma de ajuda para reparar os efeitos do industrialismo crescente proporcionando-lhes meios para sua subsistência. A COS cria a primeira escola de sociologia, em Londres, onde se estuda os problemas sociais sendo sua formação ampliada para as mulheres.

Nos Estados Unidos também ocorrem o desenvolvimento industrial e expansão territorial, e os norte-americanos estavam preocupados em atender as necessidades dos operários e da população em geral, assim reproduz a COS inglesa porém cria a Escola de Filantropia de Nova York, com a finalidade de formar assistentes sociais.

Na COS norte-americana se destacou Mary Ellen Richmond (1861-1928), que se preocupou em perceber melhor a realidade e a necessidade apresentada pelo cliente, ou seja, o melhor entendimento do seu problema.

Podemos afirmar que Richmond contribuiu muito para a sistematização do Serviço Social, desenvolvendo uma metodologia: estudo, diagnóstico e tratamento. Um de seus livros mais conhecidos foi o Diagnóstico Social, publicado em 1917, com ele surge a chamada escola diagnóstica do Serviço Social, baseada cientificamente na investigação e como tentativa de determinar as causas e atender o indivíduo em seus relacionamentos sociais.

5.1 - O SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL

Para entendermos o Serviço Social no Brasil é necessário entender a posição da Igreja Católica frente as questões sociais nas primeiras décadas do século XX.

A partir do final do século XIX a Europa vive os efeitos da industrialização e desenvolvimento do capitalismo. Essa situação leva a Igreja a se posicionar, pois nesta época existe uma decadência da moral e dos costumes cristãos. A Igreja diz que toda essa situação acontece devido ao liberalismo e comunismo, e era preciso haver uma concordância das classes e não a luta entre elas. Para fundamentar esta doutrina retomam as idéias da Idade Média, o conservadorismo. Era necessário reconstruir a sociedade e divulgar a doutrina da Igreja, para isso

surgiram movimentos de leigos católicos, um deles foi a Ação Católica. Esta deveria engajar-se seriamente na reconstrução sem participar da política partidária. Um dos instrumentos para a propaganda doutrinária foi a escola católica.

No Brasil no início do século XX a sociedade passa por importantes mudanças em sua relação social e na estrutura de sociedade. Eram recentes a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República e a economia se caracterizava com o modelo agro-exportador, tendo o café como principal produto. A partir da década de 30, a economia muda para o modelo industrial, com isso os grandes centros urbanos recebem uma grande multidão vinda da zona rural e imigrantes a procura de trabalho e moradia. A classe operária que começa a se formar se unem para lutar por melhores condições de trabalhos, redução na jornada de trabalho, salários maiores, influenciados pela opinião operária europeia.

A passagem do sistema agrário-comercial para o sistema industrial provocou problemas e conflitos sociais, destacando-se a passagem de um estilo de vida rural para urbano-industrial, que resultou novas relações de trabalho, desemprego, prostituição, suicídios, marginalidade e elevados índices de violência. A classe trabalhadora, diante destes fatos, começou a pressionar o governo e acabou gerando uma tensão social que o governo ditatorial de Vargas tenta consolidar através de uma relação personalista com o povo, assim consolida a legislação trabalhista.

A Igreja visava impor suas idéias para reformar a sociedade, passa a ter boas relações com o Estado, tendo em vista que desde a Proclamação da República a relação Igreja-Estado estava separada, porém o episcopado nacional procura formas de aproximação para que possa definir seu lugar no novo regime de governo. Chega a ter fortes influências na Constituição, defendendo idéias conservadoras, onde a intenção era ter um povo católico e religiosamente bem formado.

Para isso surge, dentro da visão católica, as primeiras escolas de Serviço Social com caráter humanitário e filantrópico, sendo exercido por representantes de setores das classes dominantes, principalmente pelas senhoras caridosas da sociedade. Essas escolas ensinavam que a organização da sociedade capitalista é natural, devendo atuar sobre os efeitos extremos da pobreza, com medidas de redistribuição da riqueza, através da assistência aos necessitados. O Serviço Social está a serviço de um homem abstrato, desvinculado da história, negando o antagonismo e compreendendo a sociedade como uma organização harmônica, justificando a desigualdade como natural.

A formação profissional se dá com a influência européia, fundamentando-se numa linha de servir ao outro, portanto assumir o Serviço Social era vocação, com formação pessoal e moral.

A partir de 1945 o pensamento europeu é substituído pela influência norte-americana que resulta na construção de uma metodologia de ação eficaz, interpretando o desenvolvimento como resultado de capacidades individuais e culturais, com uma visão harmônica da sociedade e apega-se ao princípio de neutralidade das ciências. Passa a dar ênfase na instrumentalização técnica, com a valorização do método.

Absorvendo a ideologia desenvolvimentista, o Serviço Social tinha duas tarefas fundamentais: viabilizar a participação do povo no projeto de desenvolvimento do governo e neutralizar as tensões resultantes das contradições da política desenvolvimentista. Porém, em meados da década de 60, já se começa a perceber que era insuficiente essa proposta, então se sugere uma proposta de transformação da sociedade, superando a prática profissional atrelada aos interesses dos grupos dominantes para uma prática dialética. Muitos profissionais não aceitam a profissão como meio paliativo e imediatista para resolver os problemas de desorganização social sem introduzir alterações na sociedade que se desorganiza como um todo.

Em Porto Alegre (RS), 1965, inicia-se um movimento de reconceituação do Serviço Social com o 1º Seminário Regional Latino-Americano de Serviço Social.

Baseado nessa proposta, os Documentos de Araxá (1967) e de Teresópolis (1970) tentam reformular a teoria e a prática do profissional, que passa a ver o homem como sujeito de sua própria ação, ou seja, aquele que se descobre no mundo, dando sentido às coisas.

O Serviço Social reconceituado precisa romper com a herança conservadora, com a alienação e com o assistencialismo passando a uma atuação inserida no processo de luta de classes e com críticas a exploração e dominação. A organização popular torna-se a grande estratégia da ação profissional, dando grande importância à participação popular.

Para isso é necessário ter uma formação com qualidade, baseada em sua dimensão política enfatizando a relação teoria e prática com exercício da cidadania. É fundamental ter uma leitura política da conjuntura da realidade, com um olhar capaz de operar com diferentes perspectivas.

O assistente social deve-se colocar a serviço do ser humano, do sujeito e abrir novos caminhos para a atuação. Onde existir o homem haverá campo de atuação para este profissional que sempre considerará a história e a cultura deste sujeito.

É pensando desta forma que percebemos que o futebol necessita de uma profissional com essas características, para minimizar as conseqüências sociais e as relações entre jogador, clube e empresa.

5.2- O SERVIÇO SOCIAL NAS DIMENSÕES DA VIDA SOCIAL

O Serviço Social é considerado uma profissão como um ramo de especialização do trabalho coletivo, inserido na divisão social e técnica da

sociedade capitalista, sendo uma atividade ou ocupação especializada que a partir de conhecimentos teóricos e técnicos, sistematiza e operacionaliza resposta às necessidades sociais. A legitimidade de uma intervenção profissional encontra-se tanto no lugar que ela ocupa na divisão sócio-técnica do trabalho quanto nas respostas que ela dá às necessidades históricas sociais num determinado tempo e espaço.

Possui uma peculiaridade operacional em sua prática, onde sua natureza sincrética e instrumental encontra-se historicamente condicionada por determinações objetivas e subjetivas, por uma racionalidade e um determinado modo de ser, pensar e agir sob o capitalismo. A Assistente Social precisa responder às demandas que não são unidirecionais, pelo contrário, são atravessadas por interesses antagônicos, oriundos do capital e do trabalho. Porém não basta tomar somente decisões para reforçar um dos dois lados da contradição capital-trabalho, mas dentro dos aspectos material e objetivos da intervenção.

Nas questões sociais há necessidade de sentir o grau e natureza que se engendram nas classes sociais e/ou nos vários segmentos das classes sociais, e também das considerações postas pelas organizações institucionais e públicas, nas quais o desempenho profissional se realiza dentro de uma lógica ética-política. Trata-se da existência de determinadas condições de trabalho sobre as quais a intervenção vai operar transformando-as. Diferente do ponto de vista funcionalista do Serviço Social que integrar significa ajustar, treinar, adaptar e não uma integração baseada nas relações culturais, sociais, econômicas e familiares.

Os sujeitos se inserem e se integram através do trabalho, mas de forma extremamente diversificada e conflituosa, seja como trabalhador profissional, autônomo, empresário ou dono dos meios de produção. É fundamental ter uma Assistente Social para mediar, intervir e compreender as articulações e regulações da vida cotidiana.

As relações de poder são implicações complexas e contraditórias de interesses, estratégias, organizações, recursos para fazer valer um determinado

modo de regulação dos conflitos que venha favorecer, consolidar e ampliar as vantagens de um grupo em relação a outros. Nesta perspectiva não se trata apenas de desenvolver uma defesa dos usuários ou de neles incentivar maior habilidade para resolução dos problemas, mas de compreender e intervir em diferentes níveis para articular um processo de mudança. “A crítica não arranca flores imaginárias dos grilhões para que os homens suportem os grilhões sem fantasia e consolo, mas para que se livrem deles e possam brotar as flores vivas”. (MARX, 1977). Dentro desse contexto é que o Serviço social se direciona, cujo objetivo é libertar os elos que aprisiona o pleno desenvolvimento dos indivíduos.

Um dos maiores desafios desta profissão é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos a partir das demandas, sendo um profissional propositivo e não somente executivo. O pressuposto do nosso trabalho é privilegiar a produção e reprodução da vida social, como determinantes na constituição da materialidade e da subjetividade das classes que vivem do trabalho, em qualquer esfera.

Afinal, o Serviço Social é uma especialização da atuação da Assistente Social, uma manifestação de seu trabalho no âmbito da produção e reprodução da vida social e como este se relaciona nas dimensões variadas da vida social.

CAPÍTULO VI - JOVENS ATLETAS: FUTUROS ÍDOLOS?

*“Um sonho sem ação, é só um ilusão;
Uma ação sem sonho, é só um passatempo;
Um sonho com ação, pode mudar o
mundo”.*

Do filme: O poder da Visão.

Diante da grande influência cultural, ideológica e mitológica do futebol em nossa sociedade, exposta nos capítulos anteriores e que os jovens atletas abandonam suas casas, famílias e estudo para se dedicarem a este esporte, mesmo que seja em outra cidade ou estado, entrevistamos alguns jogadores da categoria de base – infantil e juvenil, para constatar a realidade neste processo e quais são as dificuldades encontradas por eles.

Através da entrevista será possível saber o que os levam a mudarem suas vidas e mostrar a eles uma nova visão desta profissão, pois também são humanos com seus medos, angústias e ansiedade.

Escolhemos a entrevista semi-estruturadas para que não houvesse interferência dos nossos valores. Realizamos um pré-teste, onde foram entrevistados 16 atletas e após avaliação escolhemos aleatoriamente 05 para um estudo mais aprofundado. Por serem menores de idade, reservamos o nome e colocamos como iniciais letras de A a E.

ENTREVISTADOS:

A., cearense, 16 anos, cursando 2.º ano do ensino médio.

B., cearense, 16 anos, cursando 1.º ano do ensino médio.

C., mineiro, 17 anos, 2.º ano do ensino médio.

D., cearense, 16 anos, cursando 1.º ano do ensino médio.

E., matogrossense, 15 anos, cursando a 7.^a série do ensino fundamental.

RELATO DA PESQUISA:

Quando perguntado por que escolheram ser jogadores de futebol, nos responderam:

- A. *“Por prazer, pra... porque tenho este dom que Deus me deu, e pra podê ajudar minha família, né, meus pais, irmãs... Acho que nasci com este dom, né, todo brasileiro, a maioria, nasce com esse dom, né, mas só depende dele*

pra podê chegá onde os jogadores profissionais estão, determinação, força de vontade, você consegue atingir o nível do jogador profissional... Desde pequeno você já começa a brincá com bola, assiste televisão e só dá jogo, jogo, jogo de futebol, se inspira nos jogadores, no Pelé e pronto, né, e começa a trabalhar e tem vontade de jogar bola... E meu objetivo é ser um grande jogador, e procurar ajudar minha família que precisa."

- B.** *"Ah!... Isso já vem quando a gente... já nasce com dom... com dom e aí é só aperfeiçoar... crescendo e aperfeiçoar... aí vem... Não sei porque você escolhe ser jogador... jogador só é quem tem talento, né... Não adianta se apô. Futebol é um mundo que abrange tudo, né, você sonha com uma vida melhor, em dar uma vida melhor pra seu pai, sua mãe, toda sua família, e o futebol é um meio, né, tem muito dinheiro... quando nasce, tem talento, vai jogá e faz o que gosta... Quero chegá na minha posição, meia, ser o melhor do mundo, se Deus quiser, trabalhá prá isso, vou chegá lá."*
- C.** *"Meu pai que me incentivou, nunca gostei muito de jogar futebol, mas foi incentivo dele. Ele sempre teve um sonho de ter um filho jogador, aí meus outros irmão não quis ser, aí eu peguei e falei vou ser. Só que ele morreu tem 08 meses, pensei em desistir mas como já estava nesse meio, e já vai fazer 03 anos, aí peguei ah vou continuar. Gosto mais ou menos, gosto de jogar futebol, mas a gente passa por muitas situações que preferia desistir. Meu objetivo é ser um jogador de seleção brasileira, atacante. Me espelho às vezes no Romário, que é muito habilidoso, no Pelé que é de Minas também (risos). Tem que olhar um pouquinho pra eles."*
- D.** *"Eu acho que eu levo jeito pra isso, tá entendendo... jogar bola é... eu gosto muito, tem muita cosia pra gente fazer na vida, né, mas eu gostei e tô tentando me dedicar a isso que é muito difícil, mas eu vou tentar né, ser alguma coisa*

na vida, e eu preciso ser jogador de futebol. Ah! Meu objetivo é passar na telinha pra todo mundo me ver aí no Brasil, e quem sabe numa seleção brasileira, né, que é muito importante isso."

"

- E. "Porque pra mim, né, eu nasci meio com dom pra jogá bola, todo mundo falava isso pra mim, né, e eu pensei vou seguir essa carreira aí, ser um grande jogador e podê ajudá minha família, e aí lutar pra ser um grande jogador, aí até os último sangue que eu tiver."

Ao serem questionados sobre o dia-a-dia no alojamento relacionado com os sentimentos e o novo grupo social, colocam-nos:

- A. "De vez em quando a noite, assim quando a gente vai dormir, sente um pouco de saudade, né, lembrança, mas a gente tem que superar tudo isso pra podê ser jogador. O trabalho que o clube tá fazendo agente consegue, às vezes, esquecer um pouco a família, né, distrai um pouco, dá para aguentar um pouco a saudade. Tem uns problemas, brigazinha mas não é nada muito grave não."
- B. "Aqui no alojamento todo mundo é colega um do outro... não tem... cara a cara, olho no olho, assim não tem traiagem, não existe, porque traiagem é um amigo teu cortar você por traz, cara a cara não tem, mas nas costas deve ter alguma coisa. O sentimento é a saudade da família, muita, mas dá pra aguentá, a gente tá aqui pra isso."
- C. "Nossa é horrível! Você tem saudade de casa, tem vários rapazes de outros estados, que nem conheço, é uma família nova pra mim, outro relacionamento. Saudade de casa, estou em outro estado, tô longe de casa pela primeira vez, apesar que já tinha 02 anos que tava jogando futebol, mas estava em Minas mesmo. Agora saí de lá, estou em São Paulo, e tudo é mais difícil, e até hoje não tem aquele relacionamento forte com nenhum deles."

- D. *"É complicado, sabe por quê? É porque tem várias pessoas de fora, é legal porque é uma cultura diferente, né, cada pessoa traz uma cultura, aí que quer dizer tem uns que fala assim, tal, outro se você é desse jeito. É legal por isso mas por outra parte é ruim porque a gente deixa nossa família, mas como eu falei é pra se dedicar por alguma coisa. O relacionamento da gente aqui é legal, apesar que é o primeiro clube que eu venho, mas aqui é super legal. Eu gosto daqui."*
- E. *"É uma coisa difícil, né, que não é quase a sua casa que você mora, né, está longe de sua família, aí se encontra novos amigos que vem de vários lugares e você pode fazer novas famílias pra você aí é muito difícil, né, você tem que conviver com outras pessoas e cada um tem que entender a cada um seus próprios problemas que cada um traz aqui, né, aí se tenta resolver como um grupo, uma família. É uma união, né, todo mundo um procura ajudar o outro, quando alguém... um precisa do outro, o outro vai e ajuda. O que tiver problema em casa algum, tenta resolver, se precisar aí outro vai lá e ajuda, o que tiver que fazer ele vai lá. O grupo tá pra um ajudar o outro."*

Ao falarem sobre o cotidiano no alojamento, perguntamos se sentem falta de alguma coisa, formação, apoio, nos responderam:

- A. *"Pra ficar bom colocar os moleques pra estudá, tem muito jogador de futebol que é burro, não estudam, tem muito jogador que não terminou nem o primeiro grau, ginásio, nada. Tem que estudar prá poder fazer assim... uma reportagem, qualquer coisa deste tipo, saber se expressar bem, tem que estudar, né, ter uma cultura melhor. Estou garantindo meu estudo, né, se não der certo, eu vou tentar ser alguma coisa... parte de esporte, ser treinador, nutricionista, qualquer coisa assim no futebol."*
- B. *"Falta um vídeo e mais uma televisão, pra divertir um pouco, a gente aluga uns filmes, só isso mesmo."*

- C. *“Nossa! Nossa! É uma coisa que nunca vai ter a família da gente, a não ser quando, geralmente quando você muda pra outro país, geralmente você leva a família, mas dentro do Brasil não.”*
- D. *“O que falta ... só um pouquinho mais de companheirismo, que tem umas pessoas que gostam muito de brincar, tá entendendo? E tem uns que não aceita mas eles continuam assim mesmo e parada que tá acontecendo aí que tão mexendo nas coisas, tá entendendo? Tem gente aí que tão pra descobrir quem tão mexendo nas coisas e isso é o mais errado que tá acontecendo aqui dentro...”*
- E. *“Nesse?... Ah! pra mim eu acho que por enquanto não tá faltando nada aqui. Tá tudo bem aqui. Graças à Deus.”*

Questionamos sobre o relacionamento com os familiares, se estes apóiam e se existe sentimento de culpa ou orgulho:

- A. *“Pra poder ser jogador foi o que mais me ajudou, meu pai, minha mãe, meus irmãos também sempre dando um força, foram que mais incentivaram para ser jogador, não teve ninguém contra. Meu pai sempre dizia: ‘você tem talento, se esforça, tenha garra, determinação que você chega lá’. Eu me orgulho de estar aqui hoje.”*
- B. *“A família é tudo. Primeiro lugar é Deus, depois aí vem a família, os amigos. Dão apoio. Antes minha mãe não queria que eu fosse jogador de futebol, mas aí eu insisti, e hoje estou aqui, mas hoje ela mudou bastante de opinião, agora ela sabe o que eu queria, sabe o que quero e não pode impatar disso, deixar de seguir a profissão que eu gosto. Não tenho nenhuma culpa, é muito orgulho e alegria.”*
- C. *“É muito importante a família, namorada, acho que não apóia, ficou assim, faz da sua vida o que tu quer, mas no começo minha mãe detestava porque sou o mais novo, ela jamais queria que eu saísse de casa, aí eu saí, aí quando meu pai faleceu, ela queria que*

eu voltasse, aí eu conversei , tal, falei com ela, aí ela falou que eu podia ir, então ela apóia e não apóia, por eu escolher ela me dá força, mas a preferência dela é que eu estivesse em casa. Fico dividido, por isso ligo sempre, falo com ela, distrai um pouquinho, mas vale a pena."

- D. *"No caso aqui só tem a minha tia, tá entendendo? Aqui em São Paulo, e eu posso ir pra casa dela, eu me sinto como se estivesse na minha própria casa, é muito legal tá entendendo. Eu fico conversando com ela sobre minha família, né, e lá onde eu morava lá também é muito legal mas só que lá não tinha um time assim pra gente ficar jogando por isso que eu não gostava muito de ficar lá assim porque eu jogava bola lá. A minha mãe achou super legal e me desejou boa sorte."*
- E. *"Enxergo a família meio afastada de mim, assim né, meio longe, tem que comunicar só por telefone, não tá do seu lado ali pra te ajudar muito assim... Eles me incentivaram muito, né, falou se você quer ser jogador você vai atrás, corre atrás do seus objetivos e me incentivou, aí eu to aqui, né falando o que precisa de alguma coisa vão me ajudar , eles vão me ajudar , eles vão me apoiar, assim que me incentivam pra mim nunca desistir, porque eu procuro ser é pra lutar até o final."*

Diante do objetivo de nosso trabalho indagamos sobre a importância de ter um profissional de Serviço Social, onde este terá uma visão humanística que possa vê-los além dos músculos, nos falaram:

- A. *"É muito importante, tem... tem que ajudar a gente, tem parte social como por exemplo, a pessoa não sabe sobre hábito alimentar, pois não sabem alimentar direito, explica para gente sobre higiene, problema com a família, alguma rixa com alguém aqui, acostumar com os costumes, porque cada um vem de uma cidade, vem de cultura diferente, a gente tem que aceitar a pessoa do jeito que ela é."*

- B. *“O Trabalho do clube é bom, porque jogador realmente tem que ter um... ele tem uma história, se ele for... que nem de repente eu tenho a 5.ª série só, vou dar uma entrevista, tô jogando em um time grande, não sei falar... aprender outros idiomas também, se eu for pra fora, aí como é que vou fazer, né. Então isso é muito importante, porque a gente adquire mais cultura, mais... tem vários jogadores aí, o Rivaldo por exemplo, realmente ele não fala direito, não fala o português correto, né, por isso o jogador tem que ter estudo. O futebol tem que vir, claro que tem que vir sempre como o centro, mas saindo um pouco do futebol a gente tem que também... porque se aí acontece alguma coisa com a gente, a gente se machucar e não pode mais jogar futebol, como é que a gente vai viver? Aí tem que ver, né, a gente também não pode pensar só no bom, tem que pensar nas duas coisas, né, no bom e no ruim, porque se o futebol acabar pra gente por causa de uma contusão, aí tem que ter outra alternativa, o mundo do futebol é muito grande, você pode não ser um bom jogador, você vai ser um grande técnico, um bom preparador físico, cada um na sua área.”*
- C. *“Daria muita força, ajuda, falo o que sinto, dá orientação, este já é meu terceiro clube e nunca teve um assistente social, é bom, ajuda a gente pra caramba, se tem um resultado melhor. Se abrir com um homem fica mais difícil, principalmente com o parceiro de time, vou contar pra ele que estou com saudade da mãe, não tem jeito. Prefiro falar para o profissional que é mais maduro.”*
- D. *“Eu acho muito importante porque indica algumas coisas certas pra gente né. Explica a importância da escola pra gente, da saúde, da higiene e a psicóloga fala sobre a Psicologia né. Ela fala que importante é a gente ficar de bem com a gente mesmo, que isso é importante prá gente e ela faz vários trabalhos com a gente, tá entendendo. Mas por exemplo ela faz um trabalho que a gente fica deitado, ela fica dizendo prá gente mexe o braço, a cabeça, fica indicando a gente se levanta assim, a gente não sente nada, fica manero, não pensa em nada, não pensa em nada só em descansar mesmo.”*

- E. *“Eu acho que é uma boa oportunidade pra nós que fica meio assim preso, tem sempre uma pessoa do seu lado pra te amimar, o que você precisa falar com ele.”*

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Percebemos que o futebol tem uma grande influência em nossa cultura e exerce uma forte ideologia sobre a sociedade brasileira, porque a maioria dos atletas falaram que escolheram esta carreira por acreditarem nesse dom que Deus deu a eles, e desde crianças chutam bolas e foram aperfeiçoando este talento. Tudo isso está claramente na resposta do entrevistado “A”:

“...porque tenho este dom que Deus me deu...Acho que nasci com este dom, né, todo brasileiro, a maioria, nasce com esse dom...”

Em suas respostas vimos que apostam tudo nessa carreira, e através dela poderão ter tudo que desejam e dar uma vida melhor à sua família. Deixam-se levar pela mídia que transformam jogadores em ídolos/mitos e suas vidas em histórias perfeitas, como em um conto de fadas, então se espelham nestes ídolos e fazem de tudo para serem iguais. A fala de “E” retrata bem essa realidade:

“ ... eu pensei vou seguir essa carreira aí, ser um grande jogador e podê ajudá minha família, e aí lutar pra ser um grande jogador...”

Vimos como é dolorido para esses atletas estarem longe da casa, da família, alguns sabem que para atingir o objetivo é preciso passar por isso, mas nem todos conseguem superar essa distância. Da mesma maneira que é difícil a integração deles, ao mesmo tempo é um momento interessante, pois cada um tem uma história, uma cultura e todos devem ter a alteridade para entender essas

diferenças e passar a viver como uma nova família. Mas nem todos conseguem isso e acabam surgindo alguns problemas, porém de fácil resolução, como diz “E”:

“...você tem que conviver com outras pessoas e cada um tem que entender a cada um seus próprios problemas... aí se tenta resolver como um grupo, uma família...”

Pudemos observar a solidão que estes garotos enfrentam nos alojamentos, muitos sentem a falta da família, dos amigos e da sua casa. Porém com o objetivo de alcançar o ideal, ser um grande jogador de futebol, enfrentam essas dificuldades.

Sentem falta de uma maior integração entre os alojados, falam que é necessário mais atividades entre eles, como podemos ver na fala do entrevistado “B”:

“...Falta um vídeo e mais uma televisão, pra divertir um pouco...”

Percebemos como é fundamental o apoio e a influência da família na decisão destes jovens atletas, muitas aceitam pelo fato de poderem dar retorno financeiro e fama.

O jogador luta para dar uma vida melhor para sua família e alguns ainda querem ajudar outras pessoas, sentem orgulho, é assim que relata “A”:

“...meu pai, minha mãe, meus irmãos também sempre dando uma força, foram que mais incentivaram para ser jogador, não teve ninguém contra...”

Existem familiares que não aceitam no início essa decisão, mas com o tempo percebem a real vontade do filho acabam aceitando, isto está claro na fala do atleta “C”:

“... no começo minha mãe detestava... aí conversei, tal, falei com ela, aí ela falou que eu podia ir, então ela apóia e não apóia...”

Todos falaram que é muito importante ter um profissional que se preocupa com a formação, com a cultura e não somente com o aspecto físico. Eles têm medo de quando acabar a carreira de jogador de futebol não saibam fazer nada, então querem aprender alguma coisa para o futuro.

É importante também, pois é alguém com quem podem se abrir, falar da saudade que tem dos familiares, como disse o jogador “C”:

“...é bom, ajuda a gente pra caramba, se tem um resultado melhor. Se abrir com um homem é mais difícil, principalmente se for parceiro de time...”

CONCLUSÃO:

Vimos que a vida em um alojamento não é fácil, nem sempre os clubes se preocupam com o desenvolvimento dos adolescentes, principalmente com as questões sociais e emocionais que cada um carrega, pois são vistos como produtos do meio.

De acordo com a entrevista foi possível perceber como é importante a presença de um profissional que possa trabalhar as relações sociais, mediar as relações entre clube e atleta e orientá-los a fim de que possam superar as dificuldades dessa caminhada.

Normalmente os clubes não investem em profissionais para acompanhar os jovens atletas neste processo de desenvolvimento de carreira, e eles se sentem perdidos e deixam lacunas que deveriam ser trabalhadas até mesmo para melhor rendimento em campo.

Considerações Finais

As considerações que queremos apresentar é que o futebol paulistano passou por várias e profundas mudanças e transformações, hoje o maior objetivo, além do gol, é ter uma boa planilha de custo e dar bons lucros.

Mas, infelizmente os clubes continuam com a mesma postura arcaica no que diz respeito a qualidade da formação dos jogadores das categorias de base.

O atleta começa desde cedo a ficar exposto como um produto, muitas vezes entram no campo por pressão da empresa patrocinadora e do clube, que nem se preocupam com as condições biológicas, psicológicas e social deste ser humano. A produção capitalista absorve não só os músculos, mas também as mentes dos jogadores.

De acordo com os dados da entrevista percebemos a necessidade do profissional de Serviço Social estar inserido nessas questão, amenizando as conseqüências sociais que ocorre na vida desses jovens atletas, pois a situação entre clube e jogador são complexas, estão inseridas em uma relação de força e que por sua vez podem se estruturar através da intervenção da Assistente Social, que tem como base o ser humano na sua totalidade, com o objetivo de orientá-lo para o seu desenvolvimento e transformação.

Uma das grandes características do Serviço Social é de mediar as relações entre capital e trabalho nas formas capitalistas que transforma o trabalhador em vendedor de forças.

Essa nova atuação será um grande desafio para nossa profissão, retraduzir a representação do dominado (atleta) na ótica do dominante (Clube - empresa). É romper com determinismo funcionalista que todo jogador de futebol das

categorias de base deve ser visto como um infeliz, azarado, pobretão, ignorante e que depende de favores e deve suportar o assistencialismo do futebol amador.

Anexo I

Roteiro de Perguntas

1. Por que escolheu ser jogador de futebol?
2. Como é viver em alojamento?
3. O que falta no alojamento?
4. Importância da família.
5. Importância de ter um profissional de Serviço social com uma visão humanística que possa vê-los além dos músculos.

Anexo II

Anexo III

Anexo IV

Bibliografia

- ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena P.. *"Filosofando introdução a filosofia"*. São Paulo, Moderna, 1990.
- AGUIAR, Antonio Geraldo de. *"Serviço Social e Filosofia: das origens a Araxá"*. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 1985.
- BECKER, Daniel. *"O que é adolescência?"*. 7ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1989. (coleção primeiros passos).
- BLAZ, Leonardo. Mito do bom brasileiro. *Diário do Grande ABC*. 6.5.2000,
- BUENO, Rodrigo. Os jogos da Nike. *Folha de São Paulo*. p. 10, c. 4.
- CARDOSO, Mauricio. Futebol na raça. *Veja*. São Paulo, 1528: 54-63, jan. 1998.
- CHAUÍ, Marilena. O Mito fundador do Brasil. *Folha de São Paulo*. 26.3.2000. Caderno Mais.
- _____. *"O que é ideologia?"*. 24ª ed. São Paulo. Brasiliense.
- CIPRINO, Cristiano. Barões do Esporte. *Folha de São Paulo*. 30.7.2000, p. 1 c. 4.
- DUARTE, Orlando. *"Todas as Copas do Mundo"*. Makron Gold, 1998.
- ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE. Vol. 4, São Paulo, Abril Cultural, 1974 p. 609 à 612.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Vol. 10. Rio de Janeiro,
Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1983, p.5030 à 5060.

FALEIROS, Vicente de Paula. *Estratégias em Serviço Social*". São Paulo.
Cortez, 1997.

FILHO, Melchiardes. Atletas do Século. *Folha de São Paulo*. 23.5.1999. Caderno
de Esporte, p. 01-12.

FREITAS, Evelson de. A criação de Pelé. *Folha de São Paulo*, 07.11.1999,
p. 2-8, c. especial.

FUTEBOL: [http:// www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br)

____. [http: // www.fifa.com](http://www.fifa.com)

____. [http: // www.santosfutebolclub.com.br](http://www.santosfutebolclub.com.br)

____. [http: // www.futebolpaulista.com.br](http://www.futebolpaulista.com.br)

____. [http: // www.jcorzaca.com.br](http://www.jcorzaca.com.br)

GOYZUETA, Veronica A. Os donos da bola. *América Economia, Rio de Janeiro*,
129: 24-29, mar.1998.

GUAZZELLI, Divanei. *Diário do Grande ABC*. 13.5.1998. Caderno Copa 98

____. *Diário do Grande ABC*. 20.5.1998. Caderno Copa 98.

HELEL, Ronaldo. *"Futebol e cultura de massa no Brasil"*. Rio de Janeiro, Editora
Vozes, 1997

KISNERMAN, Natalio. *"Sete estudos sobre Serviço Social"*. São Paulo, Cortez e
Moraes Ltda, 1980.

LEAL, Vera L. R. *Dinâmicas de grupo: sensibilidade e integração*. São Paulo, FTD, 1997.

MARTINS, José Roberto. *“História – 8ª série”*. São Paulo, FTD, 1997.

MERLIN, Nelson. *“Em Campo Futebol e Cultura”*. São Paulo, Secretaria do Estado de São Paulo, 1982.

NUSMAN, Carlos Arthur. Esporte o mais democrático dos shows. *Estado de São Paulo*, p. 17, c. H.

OGAWA, Alfredo. A virada. *Exame, São Paulo*, 18: 140-152, set. 1999.

PILETTI, Nelson, PILETTI, Claudino. *“História e Vida: Brasil Independência aos dias de hoje”*. 18ª ed. São Paulo, Ática. Vol III.

PROENÇA, Ivan Cavalcante. *“Futebol e Palavra”*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio, 1981.

REY, Marcos. O primeiro herói. *Placar, São Paulo*, 1137: 74-77, mar. 1998.

SALDANHA, João. *“O Futebol”*. Rio de Janeiro, Bolch Editores, 1971. v. 5

SEBE, José Carlos, MEITTY, Bion e WITHER, José Sebastião. *“Futebol e Cultura”*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1982.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21 ed. ver. e ampl. São Paulo, Cortez, 2000.

SILVA, Maria Ozanira da Silva. *“Formação Profissional do Assistente Social: Inserção na realidade social e na dinâmica da profissão”*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1995.

SIMÕES, Rogério e MENEZES, Thales. História das Copas. *Folha de São Paulo*. 31.5.1998. Caderno Especias.

TOSTÃO. A formação de um atleta. *Folha de São Paulo*. 13.8.2000. Caderno de Esporte, p. 11

_____. Os boleiros. *Folha de São Paulo*. 7.11.1999, p. 3, c. 4.

WITTER, José Sebastião. “O que é futebol?”. São Paulo, Brasiliense, 1990. (coleção primeiros passos).

VIEIRA, Balbina Ottoni. “*História do Serviço Social: Contribuição para a construção de sua teoria*”. 4ª ed. São Paulo, Livraria Agir, 1985.